Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Sociais - ICS
Departamento de Sociologia - SOL

CODESRIA e a produção sociológica no continente africano: um mapeamento de instituições e intelectuais

Brasília, 2022

Alan Felipe Alves dos Santos

CODESRIA e a produção sociológica no continente africano: um mapeamento de instituições e intelectuais

Monografia apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília como um dos requisitos para obtenção do grau de bacharel em Ciências Sociais, com habilitação em Sociologia.

Orientador: Fabrício Monteiro Neves

Brasília, 2022

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Ciências Sociais – ICS
Departamento de Sociologia – SOL

CODESRIA e a produção sociológica no continente africano: um mapeamento de instituições e intelectuais

Monografia apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília como um dos requisitos para obtenção do grau de bacharel em Ciências Sociais, com habilitação em Sociologia.

BANCA EXAMINADORA

Ms. Matheus Almeida Pereira Ribeiro

Brasília, 2022

RESUMO

A partir de uma pesquisa bibliométrica nas revistas científicas da área de ciências sociais, CODERIA bulletin e a African Sociological Review, vinculadas ao Conselho para o Desenvolvimento das Ciências Sociais em África – CODESRIA, o objetivo deste trabalho é mapear as instituições de onde os intelectuais se originam no momento em que submetem suas publicações, com o intuito de demonstrar quais as instituições e países são mais relevantes nas dinâmicas de produção, circulação e divulgação científica na área das Ciências Sociais no continente africano. Para isso, pensaremos também os desafios e ideais pan-africanos do conselho, assim como das problemáticas que envolvem o ensino superior em África, os dualismos norte-sul e centro-periferia, e o fenômeno da extroversão elaborado por Paulin Hountondji.

Palavras-chave: sociologia africana, codesria, extroversão, intelectualidade africana;

ABSTRACT

Based on a bibliometric research in scientific journals in the area of social sciences, CODERIA bulletin and the African Sociological Review, linked to the Council for the Development of Social Sciences in Africa – CODESRIA, the objective of this work is to map the institutions from which intellectuals come from originate at the time they send their publications, in order to demonstrate which institutions are most relevant in the dynamics of production in countries, and scientific in the area of Social Sciences on the African continent. For this, we also think about the challenges and pan-African ideals of the council, as well as the problems that involve higher education in Africa, the north-south and center-periphery dualisms, and the phenomenon of extroversion elaborated by Paulin Hountondji.

Keywords: African sociology, codesria, extroversion, African intelligentsia;

SUMÁRIO

1. Introdução 6

2. O CODESRIA: história, organização e os ideais pan-africanistas 8

3. Produção sociológica desde uma periferia global? 14

4. Percurso metodológico 21

5. Alguns apontamentos 34

6. Considerações Finais 43

7. Referências Bibliográficas 45

1. Introdução

Este trabalho de conclusão de curso de ciências sociais se localiza a partir de minha própria experiência como um pesquisador em início de carreira atuando desde instituições brasileiras. Sou um estudante negro, natural de Curitiba – PR, que iniciou a trajetória no ensino superior na possibilidade criada pela implantação de políticas públicas de ingresso e permanência de um público que até então figurava pelas margens do ensino superior público.

Ter começado essa trajetória em uma ciência social aplicada (Ciências Contábeis) no Instituto Federal do Paraná – IFPR me trouxe, primordialmente, um incômodo basilar para meu pensamento sociológico: como aliar meu ofício e um compromisso social de atuação em um mesmo horizonte científico. Tal desconforto, depois de 3 anos, me encaminha para as ciências sociais, naquele momento, na Universidade Federal do Paraná – UFPR.

A experiência de um estudante negro em um curso da área de humanas na universidade pública é atravessada por uma densa demanda de ativismo sobre questões de coletividade, e em um nível intrapessoal, uma reflexão sobre quem você é nessa estrutura de ensino superior e qual continuidade histórica permite sua existência neste local. Com isso tudo, imergi ao ativismo organizado dos movimentos sociais negros, e a partir do Fórum Nacional de Juventude Negra – FONAJUNE constituí uma trajetória de atuação em âmbito nacional a partir de 2015. Levando, concomitantemente, uma dedicação ao movimento social, as disciplinas de graduação, as dezenas de conferências públicas e os estudos autogeridos sobre pan-africanismo.

Nessa altura, os interesses de pesquisa sobre pensamento social africano já me inclinavam para me debruçar sobre esse objeto. Mas devido às limitações de currículo nos cursos de ciências sociais, o acesso a discussões que tivessem esse tema eram escassos. Apenas algumas instituições no Brasil possuem em seus programas possibilidades de pensar as ciências sociais para além do cânone. E minha transferência para a Universidade de Brasília tornou essas reflexões possíveis.

Ao longo dos últimos quatro anos venho pensado em trazer para meus trabalhos os modos de fazer sociologia no continente africano. Especificamente, nas produções científicas que deslocam os limites onto-epistêmicos trazendo para dentro do escopo sociológico possibilidades africanas de existência. E me debruçar sobre o Conselho para o

Desenvolvimento das Ciências Sociais em África para encontrar estas produções foi o primeiro passo.

Acreditando ser um passo anterior à uma exploração mais específica sobre sociologias africanas, o objetivo deste trabalho é produzir um mapeamento das universidades e instituições de pesquisa afim de identificar os principais centros de produção intelectual nas ciências sociais do continente africano, utilizando do método da bibliometria nas duas principais revistas do CODESRIA: CODESRIA Bulletin e a African Sociological Review.
Sendo assim, este trabalho se organiza em quatro capítulos.

O primeiro capítulo intitulado "CODESRIA: história, organização e os ideais pan-africanistas" trazemos o CODESRIA para o centro da discussão, a partir de uma breve análise histórica e organizacional, e dos valores pan-africanos presentes nos documentos fundacionais. O segundo capítulo, nomeado "Produção sociológica desde uma periferia global?", discorre sobre a intelectualidade na África e no sul-global, encarando os novos discursos da sociologia e as dinâmicas de negociação entre a extroversão (HOUNTOUNDJI, 1997, 2008) e a periferização do conhecimento.

No terceiro capítulo há uma descrição dos procedimentos de pesquisa, como foi feita e quais os obstáculos metodológicos esbarramos, assim como uma demonstração gráfica dos dados encontrados e do mapeamento feito. No quarto capítulo é feita uma análise destes dados, ressaltando as categorias encontradas, quais países e instituições africanas têm maior destaque, assim como quais autores mais aparecem nesses periódicos.

O CODESRIA, história, organização e os ideais pan-africanistas

O CODESRIA – Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais em África – está sediado em Dakar, Senegal, e foi fundado em 1973 em meio a um estreitamento político no continente africano posterior às uniões nacionalistas anticoloniais. Seu impacto e importância se constituiu a partir da incorporação de ideais pan-africanos e dos valores das independências (CIRNE, 2016), mas também a partir do objetivo "de reforçar a base institucional da produção de conhecimento no continente" (CARDOSO, 2011:142). Segundo Chizenga e Cabral (2016) este conselho vem se destacando

> como um centro de pesquisa de referência continental, que procura agregar, nas suas pesquisas, as transformações em curso e no imaginário sociocultural africano e produzir resultados plausíveis em prol da construção de um ideal pan-africanista, de modo a elevar a contribuição econômica, social e cultural do continente., abrindo a possibilidade da sua coparticipação horizontal na nova sociedade de conhecimento. (CHIZENGA e CABRAL, 2016: 263-4.)

Com efeito, esta instituição tem nas últimas décadas permitido o trabalho em rede de diversos intelectuais africanos, que trabalham para uma promoção de uma "rede de conectividade intra-africana e na concepção de uma agenda autónoma de pesquisa avançada e de produção de conhecimentos" (CARDOSO, 2011: 141). Seu acervo está disponibilizado gratuitamente online em quatro idiomas – inglês, francês, português e árabe – com uma diversa produção entre livros, monografias, jornais pan-africanos e publicações eletrônicas de acesso aberto. É a única organização que atua exclusivamente no campo das ciências sociais no continente africano.

Estruturalmente o CODESRIA é organizado a partir de 4 eixos: o Comitê Executivo, o Comitê de Pesquisa, a Secretaria Executiva e a Assembleia Geral. A Assembleia Geral é o órgão máximo de tomada de decisão do Conselho, ocorre a cada triênio e é aberto para todos os membros regulares da instituição. O Comitê Executivo é o órgão seguinte em hierarquia, e delimita as estratégias de gestão do CODESRIA, a cada Assembleia, é eleita uma nova diretoria que ficara na gestão até a próxima eleição. Atualmente é ocupada pela Presidenta Isabel Casimiro e pela Vice-Presidenta Rhokaya Fall. Indicado pelo Comitê Executivo, e com gestão de dois anos, renováveis por mais um, é o Comitê Científico, que é responsável pelas avaliações científicas do conselho e é hoje presidido por Adebayo Olukoshi. A Secretaria Executiva tem um papel fundamental no funcionamento do CODESRIA, onde é responsável pela implentação do plano estratégico definidas pelo Comitê Executivo, além da representação externa no conselho, é organizada entorno de três eixos científicos (a. Programa

de Treinamento, Subsídios e Bolsas de Estudo; b. Programa de Pesquisa; e c. Programa de Publicações e Divulgação), pelos departamentos de administração e finanças. Atualmente Godwin Murunga ocupa a posição de secretário executivo.

A narrativa histórica do CODESRIA se confunde com o momento e os ideais das independências africanas durante as décadas de 60 e 70. Segundo Adebayo Olukoshi (2003), "parte dessa narrativa irá, invariavelmente, ressaltar o ponto de que o Conselho é talvez uma das maiores histórias de sucesso do pan-africanismo pós-independência (p.6)", ressaltando os valores políticos intrínsecos à fundação da instituição, incorporados, segundo Olukoshi (2003), de maneira inevitável seguindo o contexto social. Tais valores se refletem nos documentos oficiais e na resposta de criação de um ambiente de valorização e de proteção para os intelectuais africanos.

A Carta do CODESRIA reconsolidada durante a 14ª Assembleia Geral do CODESRIA, ocorrida em Dakar, Senegal, em junho de 2015, trás já em seu preâmbulo alguns desses valores fundacionais do Conselho:

> Nós, os membros da comunidade das Ciências Sociais em África:
>
> Compreendendo a importância de consolidar esta comunidade e dinamizar os seus esforços no desenvolvimento da investigação em Ciências Sociais no continente;
>
> Conscientes dos vários problemas que os povos africanos enfrentam na busca da liberdade e do desenvolvimento sustentável;
>
> Conscientes da necessidade de fornecer informação e conhecimento adequados sobre estes problemas de modo a envolver o povo africano em processos ativos de desenvolvimento;
>
> Reconhecendo a necessidade de estabelecer uma organização pan-africana para fornecer o enquadramento para a cooperação e a promoção de perspectivas metodológicas e teóricas relevantes para a investigação sobre os processos de desenvolvimento em África;
>
> POR MEIO DO PRESENTE concorda em estabelecer uma organização de pesquisa independente, pan-africana, não governamental e sem fins lucrativos que deve operar de acordo com as disposições deste artigo (CODESRIA, 2015:1; Ênfase dos autores. Tradução nossa.).

Compreender de quais valores e quais pan-africanismos são referenciados nestes documentos é tarefa árdua, devido aos muitos dilemas, críticas internas e gerações de ativistas este movimento teve desde o fim do século XIX (BARBOSA, 2012). É interessante refletir como tais esforços, registrados burocraticamente e perpetuados nos discursos posteriores, fazem alusão a uma manifestação pan-africanista circunscrito ao momento politico dos anos 70 no continente africano. E, de fato, para elaborar sobre tais discursos, devemos falar das

movimentações de "negação da negação" (NGOENHA, 2014) como um local de convergências de pressupostos. Chizenga e Cabral (2016) dizem que tais elaborações

> [...] corporificam um conjunto de operações críticas (discursos e ações) mobilizando conceitos, referencial teórico, objeto empírico, e metodologias específicas de modo a afirmar a posição dos africanos na marcha existencial com base em repertórios e experiências vivenciadas que orientam suas cosmovisões. Trata-se, assim, de uma "reinvenção da África"(p.264).

Em síntese, podemos dizer que a invenção da África, e a consequente reinvenção, podem ser encaixadas dentro de três momentos: 1) anterior a colonização – em processos de autoracialização e autoidentificação dos povos autóctones em contato com a diferença étnica –; 2) durante a fase colonial, em que a racialização ganhou caráter depreciativo justificando a exploração escravocrata e os genocídios dentro e fora do continente africano; e, por fim, 3) a reinterpretação das terminologias de raça para um projeto autodeterminado de emancipação dos povos africanos continentais e diaspóricos elaborada pelos intelectuais de movimentos de libertação a partir do século XIX.

Devemos dizer que a milenar história do continente africano corresponde a um paradigma civilizacional que muito ainda tem de ser explorado e conhecido. As grandes civilizações da antiguidade, como as sociedades Kush e Kemet na região do vale da grande fenda, ou mesmo a sociedade Axumita, da região da atual Etiópia, tiveram desenvolvimentos grandiosos que afirmam tanto a historicidade quanto a base para o desenvolvimento filosófico e linguístico da dita "África negra" (HERNANDEZ, 2008; MUNANGA, 2009; SILVÉRIO, 2013).

No entanto, dizem-nos que as noções de conceitos e categorias dados enquanto unanimes e inquestionáveis foram criados no processo de consideração dos povos do continente pelos colonizadores. As palavras-conceito *África*, *Negro*, ou mesmo a noção de *Raça* seriam então inventados no primeiro momento colonial e de fato, as teorias racialistas, a partir do século XVII, estabeleceram as bases para tais invenções (APPIAH, 1997) que prestaram para maquinações expansionistas, negando a humanidade da gente negra (ASANTE, 2012). Apesar disso, as autonominações dadas por povos do continente durante a antiguidade histórica demonstram que o pertencimento de grupo através de características fenotípicas ocorreu antes de uma "invenção africana". Analisando as palavras e os sentidos etimológicos podemos entender que

> Os egípcios tinham apenas um termo para designar a si mesmos: *kmt* = "os negros" (literalmente). [...] Assim, *kmt*, do adjetivo *km* = preto, significa rigorosamente

> "negros", ou, pelo menos, "homens pretos". O termo é um coletivo que descrevia, portanto, o conjunto do povo do Egito faraônico como um povo negro. (SILVÉRIO, 2013, p. 147-8)

As raízes africanas estão fundadas na antiguidade egípcia e, consequentemente, todo o corpus teórico-político com bases históricas sólidas deve partir deste pressuposto (SILVÉRIO, 2013). Contudo, muitas das interpretações ocidentais acerca do continente africano têm referencialidade cronológica determinada no início do tráfico negreiro, o que resulta, ao menos, no reforço de estereótipos raciais e interpretações errôneas baseadas no racismo e no racialismo, e ideias genéricas de "branco" e "negro" (HERNANDEZ, 2008). Sendo assim, o que foi inventado de África não foram as características de pertencimento, sejam elas raciais ou identitárias, mas sim, as generalidades onde encaixaram os povos em um *coletivo anônimo* (MEMMI, 2007) no intuito de justificar o processo colonial.

O processo de invenção desta generalização que une o povo africano em uma generalidade identitária está passando, de todo modo, por ressignificações contínuas, incluindo a agência do CODESRIA (CIRNE, 2016). Por conseguinte, a identidade africana torna-se real quando apoiada em concepções teóricas e políticas que começam a ser elaboradas no final do século XIX, a partir de intelectuais diaspóricos[1], e alcança seu auge no meio do século XX com o processo de libertação e descolonização dos países africanos. Nestes movimentos se firmam a primeira via identitária: a identidade Africana. Esta torna-se base para a elaboração ideológica do pan-africanismo, ou seja, o processo de racialização, de maneira ressignificada, estrutura as convicções e estabelece um elo unificador das resistências no processo de colonização da África. O Pan-Africanismo surge como alternativa para a "redução racista europeia" (Hernandez, 2008) e, para Kamabaya (2003, p. 122),

> Entre os elementos principais para definirmos o Pan-africanismo, citaremos:
>
> (1) África, como lar e berço da humanidade, e em particular dos africanos e pessoas de origem africana; (2) a solidariedade entre os africanos e todas as pessoas de ascendência africana; (3) a crença numa personalidade africana distinta e a reabilitação da cultura e do passado histórico da África; (4) a esperança de uma África desenvolvida, política e economicamente, na base da justiça e da igualdade de todas as raças.

Em uma segunda via, o processo de partilha do continente pelas potências coloniais europeias, para além das especificidades da colonização, estabeleceu uma segunda identidade aos africanos: a identidade nacional. Cinquenta e seis países foram criados em diferentes momentos deste mesmo processo – desde a efetividade da partilha até as libertações das

[1] A saber: Alexander Crummel, Edward Blyden e W.E.B Du Bois.

nações –, unindo em um mesmo território diferentes etnias e línguas (como os Fula e os Balanta em Guiné-Bissau) e separando outras tantas (como o povo Dagara dividido entre Gana, Togo e Costa do Marfim). A fronteira, concepção nova para estes povos, bem como o entendimento da propriedade de terra, se colocam então como orientação para a unificação nacional, ao mesmo tempo em que irrompe a contradição entre a oralidade/tradição e burocracia/modernidade (Thiongo'o, 2015).

De fato, tal ideal pan-africanista proposto desde a concepção do CODESRIA codifica todo um aparato burocrático e discursivo. Os desafios colocados em seguida, segundo Olukoshi (2003), seriam em como tornar esta instituição potente a ponto de "valorizar os estudos africanos e projetar as vozes dos pesquisadores africanos", e ao mesmo tempo, em consolidar "um papel para si mesmo em um clima político cada vez mais hostil aos estudos independentes e em um momento em que o processo de desenvolvimento socioeconômico pós-independência começou a vacilar (p.7)".

Tais desafios refletem diretamente nos objetivos da Carta do CODESRIA, onde os valores de Desenvolvimento das Ciências Sociais, inclusas no próprio nome da instituição, aparecem de forma latente.

> (a) Desenvolver as ciências sociais em África, mobilizando a comunidade africana de ciências sociais para realizar pesquisas fundamentais, bem como orientadas para as políticas, de uma perspectiva que seja relevante para as demandas do povo africano;
>
> (b) Incentivar e apoiar a investigação comparada com uma perspectiva continental que expresse a especificidade dos processos de desenvolvimento em África;
>
> (c) Promover a publicação e distribuição dos resultados da investigação de académicos africanos;
>
> (d) Promover uma rede africana para a divulgação de informação nas ciências sociais;
>
> (e) Promover e defender o princípio do pensamento e da investigação independentes e a liberdade dos investigadores;
>
> (f) Incentivar a cooperação e colaboração entre as universidades africanas e as organizações de investigação, formação e publicação de ciências sociais;
>
> (g) Promover contatos e desenvolver a interação entre o CODESRIA e organizações internacionais congéneres;
>
> (h) Promover uma representação e participação equilibrada de gênero, geracional, sub-regional, linguística e disciplinar em suas atividades (CODESRIA, 2015:2. Tradução nossa.).

É interessante perceber um movimento emergente de busca de equidade de diversos fatores dentro das atividades do conselho, vindo do último ponto (h). Tal preocupação surge a

partir das discussões desde 2005 que foi assinada pela então presidenta Profª Drª Zenebeworke Tadesse. No artigo de 2003 de Adebayo Olukoshi, este item não constava ainda dentre os objetivos. É contrastante essa política interna quanto são analisados os quadros de comitê executivo no CODESRIA numa perspectiva histórica, onde apenas em 2003, 30 anos após a fundação do Conselho uma mulher ocupou o quadro mais alto da hierarquia. Hoje a Profª Drª Isabel Casimiro é a presidenta do conselho, mas que foi ocupado nos últimos 20 anos pela já citada Profª Drª Zenebeworke Tadesse, pela Profª Drª Fátima Harrak, e pela Profª Drª Teresa Cruz e Silva.

Por certo, o CODESRIA traz em seu cerne ideais que dialogam com as possibilidades que então eram existentes no contexto político de libertações presentes no continente africano no início dos anos 1970. Os esforços seguintes foram para uma adaptação as conjunturas pós-libertações nos novos Estados Nacionais e do acirramento do neoliberalismo na política econômica mundial (SCHERER, 2016) e na consequente influência na produção intelectual. A criação de uma instituição preocupada com um ambiente fértil para a produção e o desenvolvimento das ciências sociais no continente africano têm impacto direto na condução de gerações posteriores de cientistas sociais africanos.

Sendo assim, a partir desta proposição de um ambiente fértil para a produção científica, o CODESRIA têm um diversidade de periódicos para a circulação dessa produção. Dentre estes periódicos escolhemos duas pelos critérios de relevância e amplitude de circulação: o CODESRIA Bulletin e a African Sociological Review, são ambas de acesso aberto e sediadas na estrutura científica do CODESRIA. O CODESRIA Bulletin é o periódico do conselho com maior circulação nas instituições parceiras e conta com números disponíveis online a partir de 2003. A African Sociological Review é uma revista de grande expressão, com aproximadamente 30 anos de trajetória, e que tem o intuito de promover a extensão do pensamento sociológico entre acadêmicos africanos.

Produção sociológica desde uma periferia global?

Os contextos das produções sociológicas atuais vêm sendo extensamente discutidos, criticados e construídos por uma ampla gama de intelectuais preocupados com o presente e com futuro desta ciência, assim como com suas exclusões e desconsiderações históricas. Para alguns destes autores, a Sociologia foi fundada por meio de discursos que são, ao mesmo tempo, universalistas e eurocêntricos, e seu desenvolvimento não escapa a esta sentença (ADESINA, 2002). Toda a produção sociológica do séc. XX, bem como a canonização de seus clássicos e a difusão de suas teorias, métodos e categorias passaram por esse crivo (CONNELL, 2012a).

A experiência social da metrópole moldou de maneira decisiva o fazer sociológico. As relações de violência e hierarquização racial levadas ao mundo colonial pelas metrópoles em processo de expansão imperialista estabeleceram profundas demarcações na então recente ciência e em seus intelectuais expoentes, determinando assim, uma visão imperial sobre o mundo (CONNELL, 2012b). O Ocidente impôs a noção da modernidade e estruturou o mundo e a compreensão sobre o mundo segundo seus moldes. Um dos efeitos desta estruturação, que chamamos aqui de euro- estadunidense, é a racialização do conhecimento, ou seja, "a Europa é representada como fonte de conhecimento, e os europeus, como conhecedores" (OYĚWÙMÍ, 2018:171).

Os esforços para o estabelecimento de comunidades de conhecimentos periféricas (BEIGEL, 2013) inclusas dentro de uma lógica de produção científica mundialmente desigual (CONNELL in HAMLIN e VANDERBERGHE, 2013) fornece um ponto de partida para pensar as dinâmicas da independência e, logo, da dependência dentro das Ciências Sociais (HOUNTONDJI, 1995). Produzir teoria social desde um território não hegemônico é desafiante no sentido do rompimento ou da manutenção de dinâmicas relacionais de centro-periferia ou norte-sul. A maneira como fazemos a ciência é definidora destas relações, e declaram movimentos que não pretendem substituir ou recomeçar esta ciência, mas trabalhar para uma expansão de suas fronteiras.

Autores e autoras do sul global, mas não apenas, têm se deparado com as alternativas que ontologias emergentes proporcionam para o fazer sociológico. Para o sociólogo sino-estadunidense Julian Go (2016) afirmar que o imperialismo foi alimentado pelo conhecimento é perpassar pelas premissas básicas das ciências sociais, "é postular uma ontologia social realista: é insinuar que existe um mundo que consiste em algumas regularidades ou padrões

(mesmo que não sejam totais ou universais) que é observável e cognoscível" (GO, 2016, p. 73).

De La Cadena, ao co-descrever a vida de um xãma e ativista político quechua, em seu livro Earth Beings: ecologies of practice across Andean worlds (2015), identifica, a partir da agência da Runakuna dos Andes de Cuzco no processo de reforma agrária peruano, como as existências e os "reconhecimentos do real" não-ocidentais divergem dos limites onto-epistêmicos das práticas ocidentais, onde o excedente deste limite demonstra as possibilidades das descrições de ontologias dentro das ciências sociais. A proposta desta autora ressalta agências, no caso sul-americanas, que não cabem na relação "racionalidade-modernidade" tratada pelas ciências sociais. Aqui é feito um deslocamento no âmbito relacional seres humanos-natureza, de produção mútua dos sujeitos, onde a modernidade se associa a outras agências que excedem os limites ocidentais de compreensão.

Para Raewyn Connell (2012a) o colonialismo é fundamental para as elaborações sociológicas e coloca que as não considerações deste fenômeno incorreriam em um erro basilar de análise. Ao analisar masculinidades, por exemplo, a consideração do encontro colonial nas observações das dinâmicas de gênero é fundamental para sua compreensão. Sendo assim, em sua perspectiva, a colonização foi um processo ontoformativo, moldando e criando novos corpos e existências no "novo mundo".

Indo além desta concepção, Rosa (2015, 2018) argumenta que a consideração de ontologias e de ontoformatividades do sul global dentro do escopo sociológico contribuiria para uma expansão de métodos e para um "adensamento da topografia do social como conhecemos hoje" (ROSA, 2018: 118). Tal movimento, segundo o autor, tende não apenas a produzir novas fronteiras para o fazer sociológico, mas ao fazê-lo também contesta "as formas de produção de conhecimento atualmente disponíveis e aceitas no campo das ciências sociais" (ROSA, 2015: 3). Para isso, o reconhecimento da identidade ontoformativa da sociologia em tal contexto torna-se importante, contestando as teorias, compreensões de mundo e objetos "não apenas através de múltiplas visões ou perspectivas, mas principalmente através de múltiplas existências" (ROSA, 2015: 12).

Pensando nestes reflexos em África, para o sociólogo moçambicano Elísio Macamo (2002), além das limitações ocidentais, os questionamentos sobre o fazer sociológico africano devem perpassar, pelo que foi e está sendo produzido, de fato, no continente, e quando se

projeta teoricamente uma África contemporânea, deve se considerar em um mesmo paradigma a coexistência de modernidade e tradição.

Para tal, o fenômeno da extraversão, explorado por Paulin Hountondji (1995, 1997, 2008), deve ser levado em conta para estabelecer novos contornos para a produção, divulgação e circulação do conhecimento continental. Segundo este autor a atividade científica africana, "é tão "extrovertida", ou orientada para o exterior, quanto a atividade econômica" (HOUNTONDJI, 1995:2), isto é, "destinada a ir ao encontro das necessidades teóricas dos nossos parceiros ocidentais e a responder às perguntas por eles colocadas" (HOUNTONDJI, 2008:157). Seguindo seu argumento, a produção de um conhecimento autóctone, no caso o africano, deve perpassar pelo conhecimento endógeno e por um crivo onde se confronte a dinâmica da extroversão. Para ele, este processo tem progredido com uma consolidação da atividade intelectual no continente africano, contudo, ainda está longe do que este entende como um objetivo final "que nos permita responder às nossas próprias questões e ir ao encontro das necessidades tanto intelectuais como materiais das sociedades africanas", elaborando "'problemáticas' originais, conjuntos originais de problemas estribados numa sólida apropriação do legado intelectual internacional e profundamente enraizados na experiência africana" (HOUNTONDJI, 2008:157-8).

A extroversão é um conceito que exemplifica muitas das dinâmicas de dependência entre as dicotomias centro-periferia ou norte-sul global, mas alguns outros pontos devem ser levados em questão quando discorremos sobre as produções intelectuais presentes nesses territórios. Collyer, Connel, Maia e Morrell (2019) argumentam que a extroversão ainda afeta os procedimentos do fazer científico e da produção de conhecimento no sul global, no entanto, afirmam que

> [...] esse conceito deve ser reformulado para dar conta das estratégias criativas desenvolvidas por esses pesquisadores para lidar com a distribuição desigual de recursos, prestígio e riqueza. Portanto, a ideia original de que especialistas locais "adaptam" ideias e estruturas desenvolvidas no Norte é de fato verdadeira, embora seja apenas parte de toda a história, pois as forças locais também são relevantes na formação de práticas de conhecimento (COLLYER et. al, 2019:54. Tradução nossa.)

Há diversos trabalhos como o de Connell (2012a), Alatas (2010) e Collyer et. al (2018) que perpassam por diversas teorias e intelectuais produzidos a partir do sul global e de instituições, que apesar das disparidades econômicas e estruturais, criam ambientes para novos domínios de conhecimento (COLLYER et. al, 2019). Segundo Alatas (2010: 226), estes intelectuais "têm se mostrado preocupados com o orientalismo e o eurocentrismo, com a

irrelevância dos discursos dominantes e com a geração de discursos alternativos". Tais discursos alternativos surgem com várias motivações em diferentes locais do mundo. Alatas (2010: 230) define discursos alternativos "como sendo aqueles discursos informados por experiências históricas e práticas culturais nativas, do mesmo modo que as ciências sociais ocidentais o são".

No entanto, tais dicotomias devem ser compreendidas a partir das complexidades que retiram a ideia de estabilidade ou mesmo de território. Podemos considerar, por exemplo, dinâmicas de colonialismo interno (GONZÁLEZ CASANOVA, 2007) dentro do território estadunidense ou do continente europeu que fortalecem processos de considerações e desconsiderações ontológicas e epistemológicas racializadas que determinam as narrativas e descrições sobre a modernidade segundo um prisma branco de fazer ciência (MAGUBANE, 2016). Neste sentido, podemos partir de uma escolha teórico-metodológica, ao localizar e enfatizar a influência geopolítica euro-estadunidense na produção das ciências sociais em nível mundial, sem negligenciar práticas internas de relevância e irrelevância. Nesse sentido, Neves (2020) afirma que

> a dinâmica entre "local" e "global", enraizada nos contextos de prática científica, deve ser observada a partir de processos de "centralização" e "periferização" sem limites territoriais definidos, ou seja, não se deve tomá-la em função do contexto nacional, nem como estáveis. Quer-se dizer que os processos de "centralização" e "periferização" e a formação de regimes de administração da relevância/irrelevância não respondem a critérios geográficos, podendo ocorrer em um laboratório na Suécia, nos Estados Unidos ou no Brasil. O modelo da comunidade central da ciência ultrapassa fronteiras políticas e instaura-se mesmo em laboratórios renomados (NEVES, 2020:14).

Dessa maneira, voltando para o contexto africano e levando em consideração os contextos socioeconômicos e políticos das últimas décadas, podemos inferir que alguns países teve uma maior possibilidade de desenvolvimento científico institucional no período pós-colonial, seja nas ciências sociais ou em um aspecto mais geral. Para Cardoso (2011), algumas instituições "desempenharam papéis importantes a nível regional, servindo de *melting pot* do Pan-Africanismo e do internacionalismo, atraindo estudantes e estudiosos em todas as sub-regiões onde estavam localizadas, assim como da diáspora africana e do resto do mundo (CARDOSO, 2011:127)".

Nesse mesmo sentido, o antropólogo sul-africano Archie Mafeje fala das possibilidades que organizações de pesquisadores africanos tem dentro das dinâmicas de fortalecimento da intelectualidade africana. Para Mafeje (2008: 109) estas organizações, tal qual o CODESRIA, tem a potencialidade de manter "perspectivas de cooperação intelectual e

científica que poderiam ser de grande benefício mútuo, contra a apropriação histórica imperialista da África por outros".

A produção das ciências sociais no continente africano é feita quase que exclusivamente por meio das possibilidades criadas pelas instituições. Estas universidades foram criadas como braços de universidades europeias durante o período colonial para formação de quadros públicos (CARDOSO, 2011), ou mesmo, criadas no momento pós-libertação associadas como símbolo nacional e ao projeto de construção de uma nação (MAMDANI, 2007; CRUZ E SILZA, 2008).

Há uma exclusividade de produção em ciências sociais das universidades africanas. Poucos os casos que a produção vem de outras instituições, algo levantado nos dados ao decorrer deste trabalho. Mas tal exclusividade vem acompanhada de uma precariedade estrutural e de recursos financeiros, que segundo Chizenga e Cabral (2016), podem vir a limitar estes cientistas a uma "reprodução de ideias e teorias vindas do norte (p.275)". Este problema, aliado com uma expansão de universidades privadas pode vir a enfraquecer uma ciência que ainda está no caminho da consolidação. O Sociológo Elisio Macamo, em entrevista, ressalta a importância do CODESRIA e de outras instituições com este caráter no fortalecimento das ciências sociais em África:

> Uma universidade pública não é condição para um pensamento autônomo. Nós podemos ter uma universidade pública que promove pensamento subalterno e subserviente, ou servil. Há naturalmente algumas reticências sobre a qualidade intelectual das universidades privadas no continente africano, sobretudo porque as condições em que essas universidades foram criadas são condições bem comerciais, um pouco também ao estilo do que acontece no Brasil. De modo que, nessas circunstâncias, quando aparecem universidades com uma preocupação fortemente comercial, pode acontecer de que o tipo de postura intelectual que uma instituição como o CODESRIA gostaria de promover não encontre espaço. Mas é por isso que existe o CODESRIA. O CODESRIA está ali justamente para criar este ambiente alternativo, para fazer com que haja a adesão do maior número possível de colegas intelectuais e acadêmicos africanos. [...] há várias instituições continentais que estão à promover um outro tipo de postura. Eu penso que são essas instituições, mais os intelectuais eles próprios, que vão fazer a diferença. Independente da privatização do ensino superior que está a acontecer no continente (MACAMO *apud* CIRNE, 2016:47).

Essas condições de produção e intelectualidade estão sendo pensadas por diversos autores há algumas décadas. Para Teresa Cruz e Silva (2008:3), "o domínio neoliberal e a priorização da esfera privada regida pelo mercado têm impactos profundos sobre os modelos de educação, produzindo alterações no papel social das instituições de ensino superior no continente africano." Já em 1995, Thandika Mkandawire alertava para esta problemática da

natureza da universidade ou do impacto do financiamento privado em suas estruturas. Para este autor, seguindo este ponto,

> os atuais apelos para a 'independência' das universidades africanas do Estado podem ser fatalmente enganosos se derem a falsa impressão de que as universidades africanas podem contar inteiramente com financiamento privado ou bolsas estrangeiras. Formas de apoio que supostamente procuram evitar o estado africano ou burocracias universitárias supostamente corruptas e ineficientes dificilmente sobreviverão à saída dos doadores de cena (MKANDAWIRE, 1995:81).

Outra problemática, dentro desse sistema de produção, circulação e divulgação científica em África, é a barreira linguística. Anteriormente já abordamos as imposições coloniais para o estabelecimento de território e fronteira. Esta prática colonial instituiu as línguas europeias como instrumentos de dominação, seguindo, principalmente nas regiões das capitais e grandes centros urbanos. No momento, pós-libertação foi encontrado todo um aparato burocrático de gestão que seguia esta logica linguística colonial, o que se configurou, de fato, em um desafio para as recentes nações, sendo que boa parte das populações mantinham seus idiomas de origem em curso.

A barreira linguística, para Paulin Hountondji, e também para Taiwo (1993), é um dos fatores principais para a deficiência na circulação científica no continente africano.

> O uso exclusivo de línguas europeias como veículo de expressão científica reforça esta alienação. A maior parte dos nossos compatriotas vê-se de facto excluída de qualquer tipo de discussão sobre os resultados da nossa investigação, uma vez que nem sequer entende as línguas usadas. A pequena minoria que as entende, porém, sabe que não é o primeiro destinatário, mas apenas, se tanto, testemunhas ocasionais de um discurso científico primacialmente destinado a outros. Falando sem rodeios, há que dizer que os académicos africanos têm participado, até agora, numa discussão vertical com os seus parceiros ocidentais, ao invés de entabularem discussões horizontais com outros académicos africanos (HOUNTOUNDJI, 2008:157).

De fato, escapar a esta sentença colonial é tarefa árdua. Mas há sempre iniciativas que tentam dar conta dessa contradição, como as revistas Kiswahili[2] e Kio cha Lugha[3], indexadas à plataforma da African Jounals Online, e dedicadas à disseminaçãode estudos em e sobre a Língua Kiswahili. O acervo do CODESRIA, por exemplo, está disponibilizado gratuitamente e online em quatro idiomas – inglês, francês, português e árabe – com uma diversa produção entre livros, monografias, jornais pan-africanos e publicações eletrônicas de acesso aberto.

Atento a essa contradições e aos esforços institucionais para uma continuidade de produção e circulação científica, assim como, nas estratégias para a manutenção da intelectualidade africana das ciências sociais produzindo desde as instiuições africanas e para

[2] Para ver mais: https://www.ajol.info/index.php/ksh (Acessado em 15/06/2022).
[3] Para ver mais: https://www.ajol.info/index.php/kcl (Acessado em 15/06/2022).

os periódicos africanos, que este trabalho buscou mapear de onde falam os cientistas sociais africanos. Sendo assim, no próximo capítulo há uma descrição dos caminhos metodológicos para a formulação da base de dados e as primeiras demonstrações do resultado do mapeamento.

Percurso Metodológico

Seguindo o método de pesquisa bibliométrica do objeto de estudo proposto, emergem diversas questões e elementos que podem vir a contribuir para uma continuidade investigativa. Tal método se mostra pertinente para este trabalho ao compreender que a bibliometria procura "estudar os aspectos quantitativos da ciência e da produção científica, quer como uma disciplina quer como uma atividade que envolve aspectos sociais, econômicos e políticos (HAYASHI, 26:2012)."

Sendo assim, dentre a variedade de publicações disponíveis e as limitações organizativas de acessibilidade do próprio site do conselho, escolhemos focar a análise nos CODESRIA *bulletin* e no *Africa Sociological Review* (ASR), seguindo a lógica de "mapear o campo científico e extrair informações úteis para a compreensão de sua estrutura social e intelectual (HAYASHI, 26:2012)".

O Codesria *Bulletin* é um importante canal de divulgação científica do conselho, com publicações partir do ano de 2003 até os dias atuais e disponíveis em seu *site* com acesso aberto. A escolha do CODESRIA *bulletin* é justificada por sua relevância e dinamicidade. Dentre a diversidade de produções, o CODESRIA *bulletin* é a publicação mais lida dentro do conselho, sendo distribuída por todas as instituições e universidades com pesquisas em ciências sociais em África, recentemente passou a ser publicada seis vezes ao ano, contendo discussões "teóricas, relatórios sobre conferências e seminários" (CODESRIA, s/n).

Os números do CODESRIA *bulletin* que propomos analisar, entre 2003 e 2021, estão disponíveis no *site* da instituição[4] a partir da política de acesso aberto, o que permitiu o *download* prévio dos documentos. No total são 65 números disponíveis, havendo um lapso entre 2003 e 2006, com três números referentes ao primeiro ano e, a partir de 2006, há entre dois e quatro números referentes a cada ano, e 6 números a partir de 2020, principalmente em inglês, embora também em português e francês. No total são 461 publicações.

O processo de editoração é feito diretamente pelo CODESRIA, sendo os últimos volumes assinados pelo Secretário Executivo Dr. Godwin Murunga[5] e pelo Diretor Interino de Publicações Dr. Ibrahim O. Ogachi[6].

A *African Sociological Review (ASR)* é também uma revista publicada pelo CODESRIA. Têm publicaçãoes bi-anuais e conta atualmente com o Drº Olajide Oloyede[7]

[4] Disponível em https://www.codesria.org/spip.php?rubrique52&lang=en, em 19 de maio de 2022.
[5] CV: https://profiles.uonbi.ac.ke/gmurunga/biocv, acessado em 19 de maio de 2022.
[6] CV: http://education.ku.ac.ke/index.php/departments/education-foundation/89-faculty/35-prof-ibrahim-oanda-ogachi, acessado em 19 de maio de 2022.

como editor-chefe, e Drª Onalenna Selolwane, Drº Jean-Bernard Ouedraogo e Drº Elisio Macamo na equipe de editores[8]. Esta revista se destaca por propor abarcar, principalmente[9], a produção sociológica de todo o continente africano, em primeira instância.

A primeira publicação ocorreu em 1997, após uma negociação entre acadêmicos da Sociologia da África do Sul e o CODESRIA. Tais esforços envolveram os editores da antiga *South African Sociologial Review* e a gestão do CODESRIA, com o intuito principal de "ser mais continental em sua cobertura, além de tonar-se bilíngue – francês e inglês (OLOYEDE, 2006: 195. Tradução nossa.)". Os esforços envolvidos nessa negociação tornaram a ASR uma frente alinhada às visões instituídas pelo CODESRIA.

> [A African Sociological Review] é parte integrante da visão pan-africana geral do CODESRIA. Isso abrange a promoção da pesquisa em ciências sociais na África e de relevância para as necessidades dos povos do continente. É uma revista de sociologia africana, mas não uma revista de "Estudos Africanos". Suas metas e objetivos são amplos. Ele procura encorajar o trabalho acadêmico em análise social amplamente concebido, sem uma preocupação indevida com limites disciplinares e institucionais estreitos. Espera estimular um debate teórico vigoroso, na crença de que as ciências sociais africanas não precisam se resumir a uma mera aplicação de ideias metropolitanas. Ao abrir as suas páginas tanto para o artigo académico padrão como para outras contribuições, pretende criar um fórum mais flexível para a troca de ideias e a promoção de contatos intra-africanos mais alargados. (OLOYEDE, 2006: 195. Tradução nossa.)

Os artigos levantados da ASR estão publicados entre os anos de 2001 e 2021. Foram acolhidos apenas os contidos neste intervalo de tempo, levando em conta a disponibilização no site da CODESRIA. Não havendo disponibilização, até a data do levantamento, os números referentes aos anos anteriores. No total foram 483 publicações, entre artigos, relatórios de pesquisa, resenhas de livros e debates.

O levantamento de dados consistiu em extrair as informações referentes às instituições, países e cidades de onde os autores e autoras escrevem. Tanto no CODESRIA *Bulletin* quanto na *African Sociological Review* essas informações estão disponíveis em espaços específicos da publicação, ocasionalmente, vindo ao fim dos artigos, em outros momentos, logo abaixo do título. O levantamento foi manual, artigo por artigo, publicação por publicação. Tal esforço se deu pelas diferentes diagramações possíveis em cada um dos números das revistas.

Tal caráter manual foi um dos principais obstáculos metodológicos durante a coleta. Dados como gênero ou a nacionalidade dos autores, que trariam uma análise ainda mais

---

[7] https://africaneditors.org/member/view/53, acessado em 26/05/2022.

[8] https://codesria.org/wp-content/uploads/2022/04/Editorial-Team-African-Sociological-Review.pdf, acessado em 26/05/2022.

[9] A African Sociological Review compreende publicações também em Antropologia e outras análises sociais.

complexa e completa dentro do objetivo deste trabalho, necessitaria de uma busca de caráter incerto e demorado. Mas deixamos tais questões demarcadas para uma futura exploração.

A descrição do procedimento metodológico abaixo leva em conta duas variáveis (Países e Instituições) que demonstram a estrutura institucional das ciências sociais no continente africano. As variável *autor*, por exemplo, será considerada no momento analítico posterior, oferecendo um aprofundamento para a compreensão das possibilidades de organização institucional deste campo.

3.1. African Sociological Review

No que se refere aos países de origem dos quais cada autor ou autora escrevem para a ASR, a África do Sul destaca-se com um montante de 173 publicações de 483 no total, correspondendo a 35,2% de todos os países presentes nos números da revista durante estes 20 anos. No total foram 47 países, sendo 17 países de fora do continente africano, representando 21,77% do total de publicações, sendo os EUA o mais representativo, com 27 publicações. O notável também é a presença de publicações vindas da Suécia, principalmente no início dos anos 2000.

Para além da grande incidência de publicações provenientes da África do Sul, há outros 30 países africanos publicantes. O aparecimento de um número considerável de publicações originárias da Nigéria é notável, com 63 casos. Em seguida vem Camarões e Costa do Marfim com, respectivamente, 17 e 16 publicações. Ainda com um número considerável de incidência, entre 10 e 6 publicações, aparecem países como Gana, Botswana, Tunísia, Benin, Kenya, Togo e Senegal.

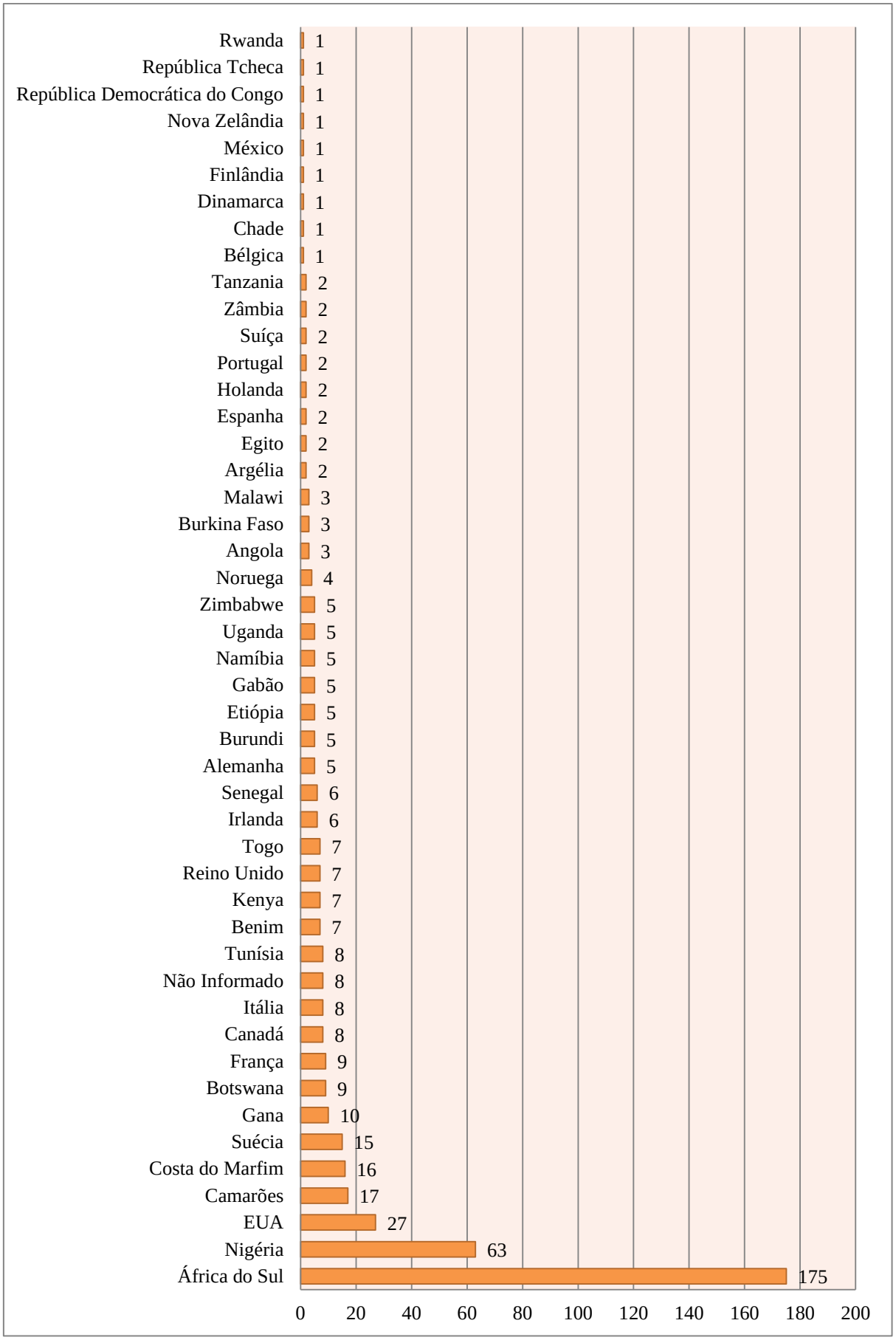


Gráfico 1. Número de publicações na African Sociological Review por país.

Quando olhamos para as instituições de origem dos autores e autoras publicantes na African Sociological Review notamos 3 instituições da África do Sul dentre as 3 primeiras com maior número: Rodhes University (40), University of Western Cape (27) e Johannesburg University (21). Em seguida temos a Ilorin University (17) e a Lagos State University, ambas localizadas na Nigéria.

A tabela (coloca número da tabela) contém as 30 instituições mais recorrentes[10] nos números da ASR. Sendo no total 182 instituições presentes na África, Europa e América do Norte. Dentre as 30 mais recorrentes apenas 2 são de países de fora do continente africano, sendo a Uppsala University na Suécia com 8 publicações e a Pontifical Gregorian University com 5 publicações.

Quadro I – Instituições que mais publicam na African Sociological Review

Instituição	País	Número de Publicações
Rhodes University	África do Sul	40
University of the Western Cape	África do Sul	27
Johannesburg University	África do Sul	21
Ilorin University	Nigéria	17
Não Informado	X	17
Lagos State University	Nígéria	16
University of the Witwatersrand	África do Sul	10
Botswana University	Botswana	9
Université Félix Houphouet – Boigny	Costa do Marfim	9
Fort Hare University	África do Sul	9
Uppsala University	Suécia	8
Cape Town University	África do Sul	7
KwaZulu-Natal University	África do Sul	7
Nelson Mandela Metropolitan University	África do Sul	7
South Africa University	África do Sul	7
Université de Lomé	Togo	7
Ibadan University	Nigéria	6
Makerere University	Uganda	5
Namibia University	Namíbia	5

[10] Considerando as instituições com até 4 publicações.

North-West University	África do Sul	5
Pontifical Gregorian University	Itália	5
Université du Burundi	Burundi	5
University of the Free State	África do Sul	5
Addis Ababa University	Etiópia	4
Human Sciences Research Council	África do Sul	4
Obafemi Awolowo University	Nigéria	4
Pretoria University	África do Sul	4
Université de Dschang	Camarões	4
Université d'Abomey-Calavi	Benin	4

A diversidade interna de instituições na África do Sul é grande. O que representa bem a massiva presença de publicações. Dentre as 30 principais, 13 são Sul-Africanas e a Nigéria vem em seguida com 3 diferentes instituições. O padrão dos demais países africanos é a concentração em uma mesma instituição. A ausência dos EUA dentre as instituições que mais publicaram na ASR se deve ao fato de haver uma alta diversidade entre instituições e autores dentre as publicações.

3.2. CODESRIA Bulletin

Os dados se diferenciam bastante quando o olhar passa para os países de origem dos autores e autoras publicantes no Codesria Bulletin. Há um equilíbrio entre os três países mais presentes nos números analisados. Contando com 58 diferentes países em seus números, 40 destes países são africanos, representando 68,9% do total. Ainda há presença de todos os continentes dentre as publicações: as américas do norte, central e caribe, e do sul aparecem, respectivamente, com EUA e Canadá, Haiti e Brasil. A Europa aparece com 10 diferentes países, a Ásia com 4 e a Austrália é o único país da Oceania.

Os EUA aparecem em 1º lugar com 81 publicações, seguido de Senegal, país sede do CODESRIA, com 78 publicações, e pela África do Sul, com 68 publicações. Kenya, Uganda e Egito vem em seguida com, respectivamente, 20, 20 e 17, publicações. A Nigéria, país que ocupa o 2º lugar na ASR, ocupa aqui a posição 8, com apenas 11 publicações.

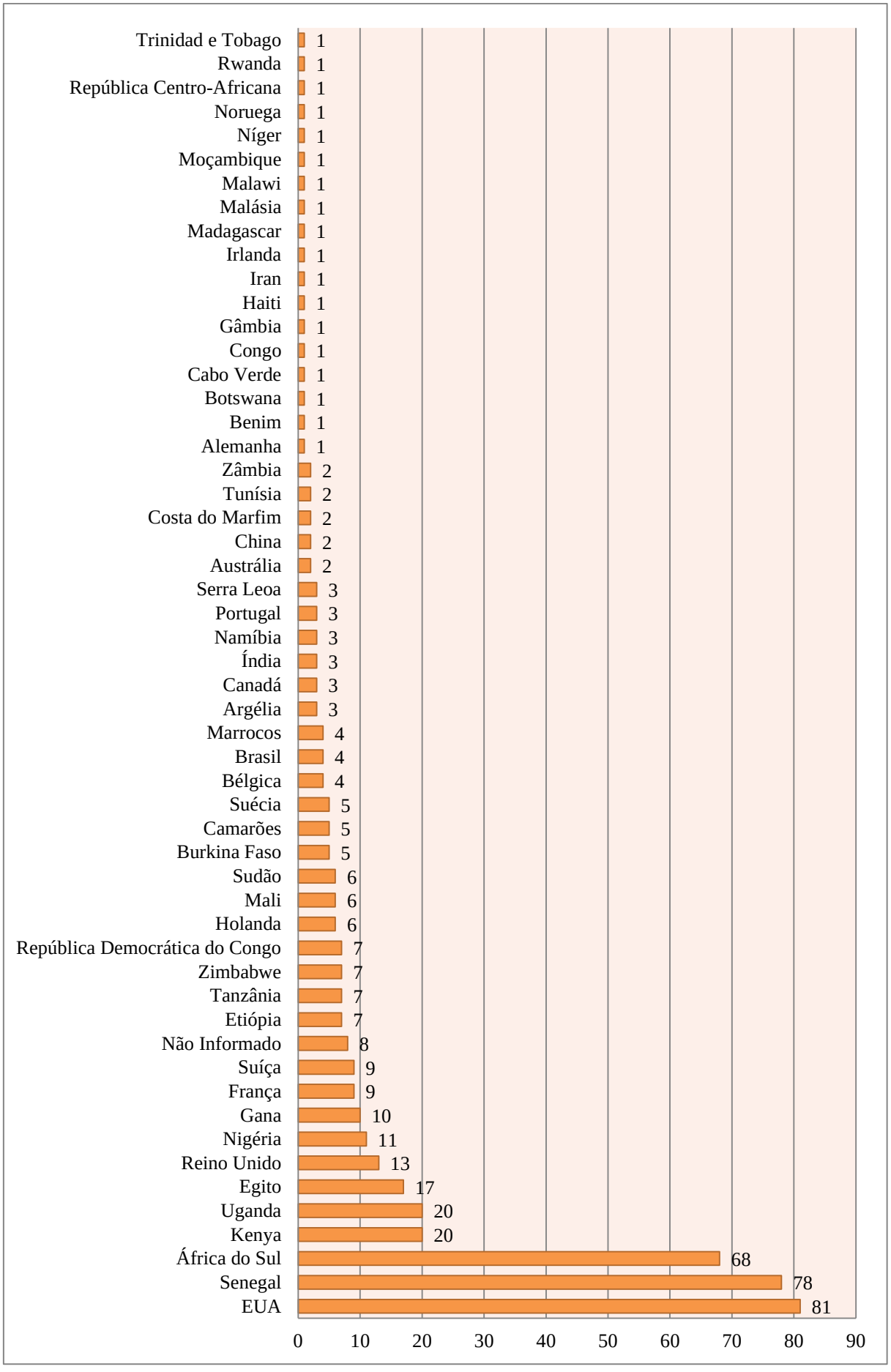

Trinidad e Tobago 1
Rwanda 1
República Centro-Africana 1
Noruega 1
Níger 1
Moçambique 1
Malawi 1
Malásia 1
Madagascar 1
Irlanda 1
Iran 1
Haiti 1
Gâmbia 1
Congo 1
Cabo Verde 1
Botswana 1
Benim 1
Alemanha 1
Zâmbia 2
Tunísia 2
Costa do Marfim 2
China 2
Austrália 2
Serra Leoa 3
Portugal 3
Namíbia 3
Índia 3
Canadá 3
Argélia 3
Marrocos 4
Brasil 4
Bélgica 4
Suécia 5
Camarões 5
Burkina Faso 5
Sudão 6
Mali 6
Holanda 6
República Democrática do Congo 7
Zimbabwe 7
Tanzânia 7
Etiópia 7
Não Informado 8
Suíça 9
França 9
Gana 10
Nigéria 11
Reino Unido 13
Egito 17
Uganda 20
Kenya 20
África do Sul 68
Senegal 78
EUA 81
0 10 20 30 40 50 60 70 80 90

Gráfico 2. Número de publicações no CODESRIA Bulletin por país.

Voltando o olhar apara as instituições, temos um rol de 202 diferentes instituições presentes nos números do CODESRIA *Bulletin*, sendo o próprio conselho o maior produtor em sua revista, com 45 publicações. Em seguida, temos o dado de instituição não informada por 27 vezes. South Africa University (18), Cheikh Anta Diop University (16), Cape Town University (14) e Makerere University (14) aparecem na sequência das instituições mais recorrentes.

Os EUA, país mais representativo dentre as publicações nesta revista aparece com 42 diferentes instituições, um movimento distinto de Senegal, e dos demais países africanos[11], que concentram suas publicações em poucas instituições.

Quadro II – Instituições que mais publicam no CODESRIA Bulletin

Instituição	País	Total
CODESRIA	Senegal	45
Não Informado	x	27
South Africa University	África do Sul	18
Cheikh Anta Diop University	Senegal	16
Cape Town University	África do Sul	14
Makerere University	Uganda	14
American University	Egito	10
Ghana University	Gana	8
Western Cape University	África do Sul	7
Kenyatta University	Kenya	6
Oxford University	EUA	6
Third World Forum	Senegal	6
Columbia University	EUA	5
Howard University	EUA	5
Binghamton University	EUA	4
California University	EUA	4
Cornell University	EUA	4
Illinois University	EUA	4
Johannesburg University	África do Sul	4

[11] Com exceção da África do Sul.

Kinshasa University	República Democrática do Congo	4
North Carolina University	EUA	4
Pretoria University	África do Sul	4
Rhodes University	África do Sul	4
Texas University	EUA	4
Université de Bamako	Mali	4
Université de Dar es Salaam	Tanzânia	4
Witwatersrand University	África do Sul	4
Zimbabwe University	Zimbabwe	4

Na tabela acima que representa as 28 instituições mais recorrentes[12] no CODESRIA *Bulletin*, 18 são africanas, 64,2% do total, sendo 7 sul-africanas. Os EUA aparecem com 32,14% com 9 instituições dentre as presentes no ranking. Nenhuma instituição europeia figura dentre as principais instituições publicantes nesse periódico.

1.1. African Sociological Review x CODESRIA Bulletin

Fazendo o cruzamento entre as duas revistas escolhidas para este trabalho por sua relevância dentro das Ciências Sociais no continente africano, podemos ter um panorama da distribuição e da concentração da produção neste campo em África.

Pensando primeiro sobre a distribuição ao redor do mundo, quando somadas as duas revistas 66 países são listados no total, sendo 39 países africanos (59,09%), 15 países europeus (22,72%), 4 asiáticos (6,06%), os 3 países da américa do norte (4,54%), 2 países da américa central e caribe (3,03%), 2 da Oceania (3,03%) e apenas o Brasil representando a América do Sul (1,51%).

[12] Considerando as instituições com até 4 publicações.

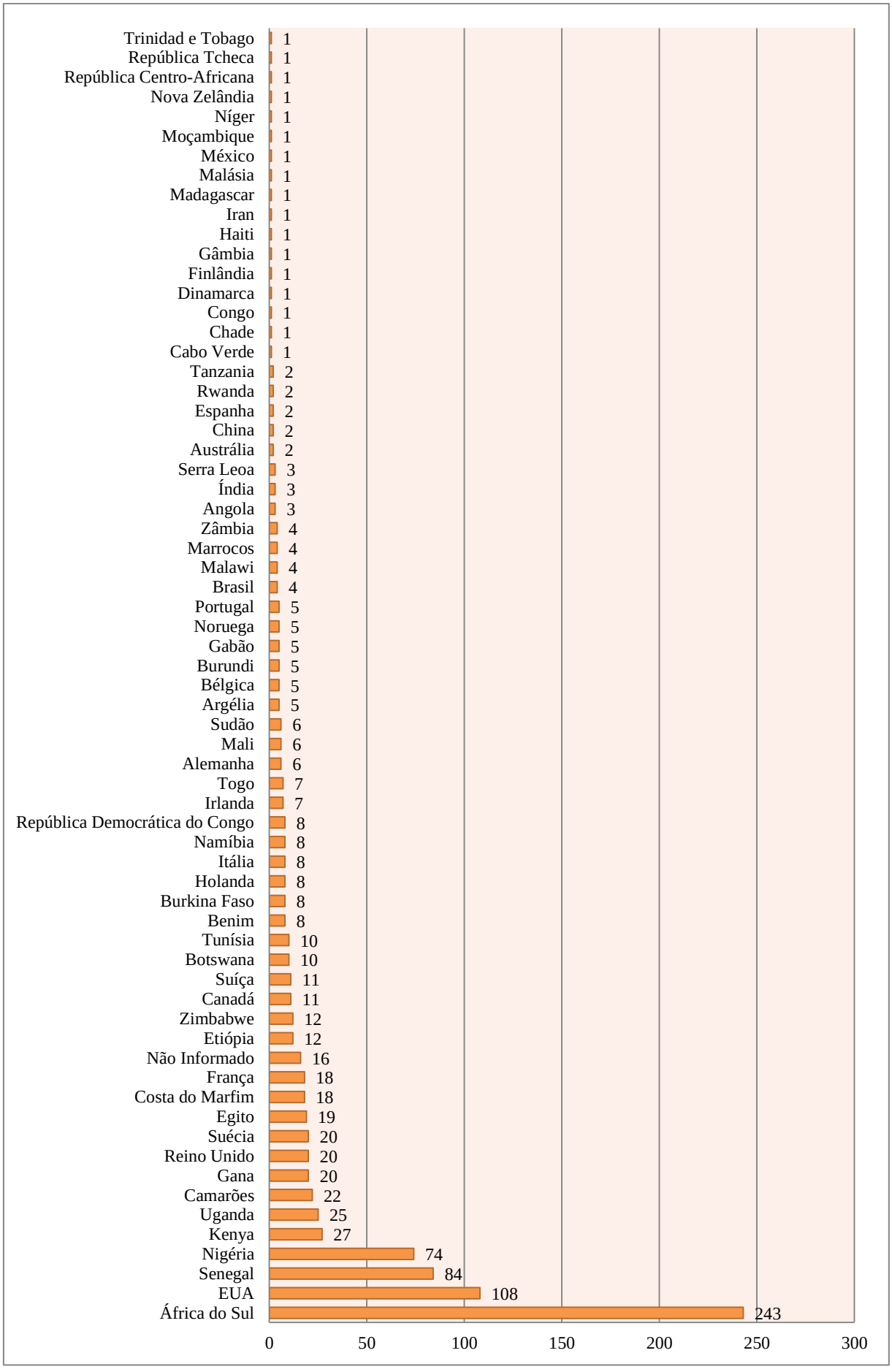
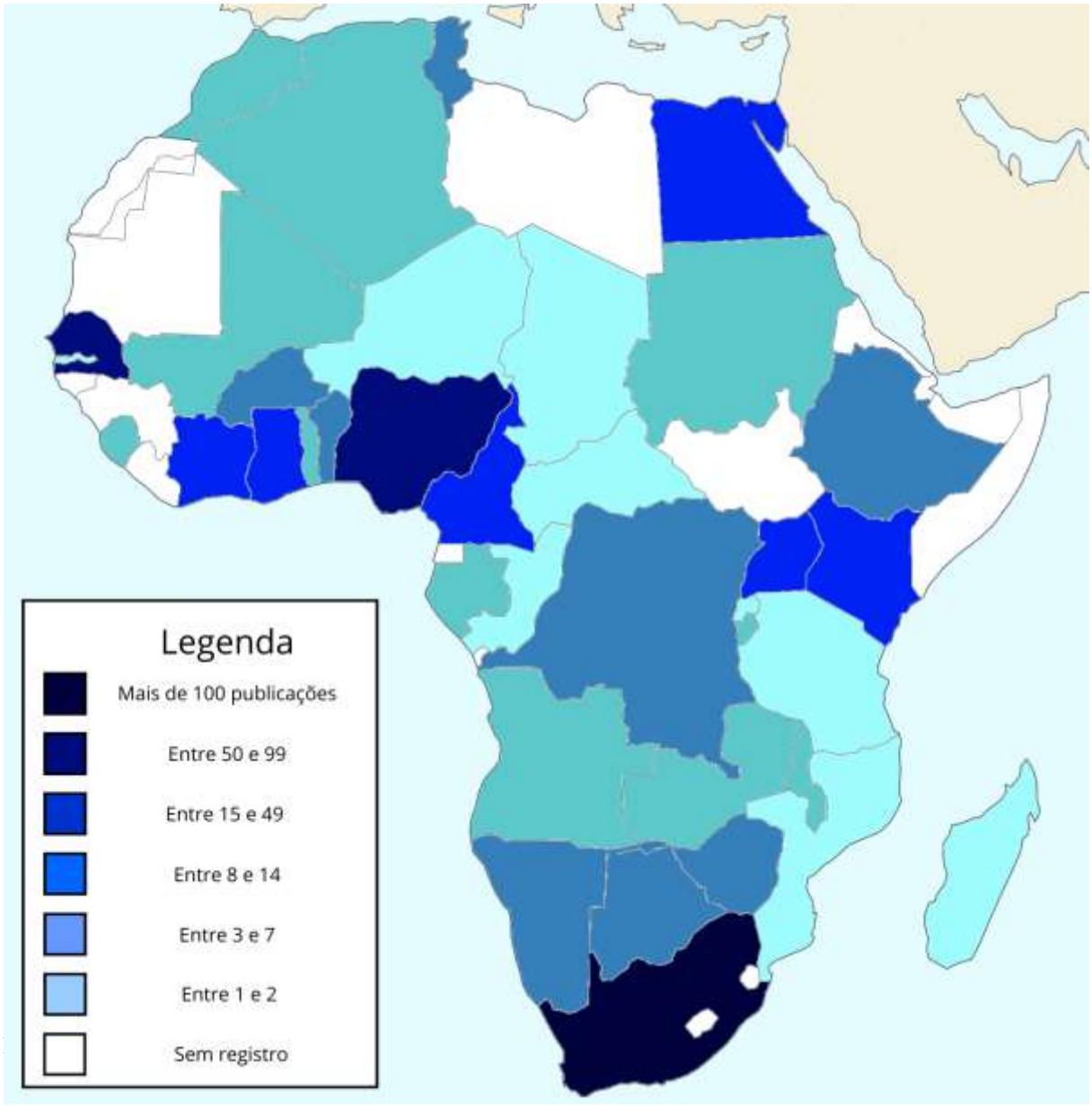

Trinidad e Tobago 1
República Tcheca 1
República Centro-Africana 1
Nova Zelândia 1
Níger 1
Moçambique 1
México 1
Malásia 1
Madagascar 1
Iran 1
Haiti 1
Gâmbia 1
Finlândia 1
Dinamarca 1
Congo 1
Chade 1
Cabo Verde 1
Tanzania 2
Rwanda 2
Espanha 2
China 2
Austrália 2
Serra Leoa 3
Índia 3
Angola 3
Zâmbia 4
Marrocos 4
Malawi 4
Brasil 4
Portugal 5
Noruega 5
Gabão 5
Burundi 5
Bélgica 5
Argélia 5
Sudão 6
Mali 6
Alemanha 6
Togo 7
Irlanda 7
República Democrática do Congo 8
Namíbia 8
Itália 8
Holanda 8
Burkina Faso 8
Benim 8
Tunísia 10
Botswana 10
Suíça 11
Canadá 11
Zimbabwe 12
Etiópia 12
Não Informado 16
França 18
Costa do Marfim 18
Egito 19
Suécia 20
Reino Unido 20
Gana 20
Camarões 22
Uganda 25
Kenya 27
Nigéria 74
Senegal 84
EUA 108
África do Sul 243
0
50
100
150
200
250
300

Gráfico 3. Número total de publicações na African Sociological Review e no CODESRIA Bulletin por país.

Dentre os países africanos, seguindo as informações já descritas anteriormente, África do Sul (243), Senegal (84) e Nigéria (74) são os países de produção mais numerosa na sociologia dentro destas revistas nos últimos 20 anos. No entanto, há uma produção relevante em uma série de países que não figuram no eixo central de produção científica no continente africano. É interessante notar como Kenya (27), Uganda (25), Camarões (22), Gana (20), Egito (19) e Costa do Marfim (18) figuram com publicações de maneira uniforme durante os anos e com presença marcada e, ainda que com uma incidência menor, há uma ocorrência de outros 30 países com uma produção sociológica nos dois principais meios de circulação sociológica no continente.

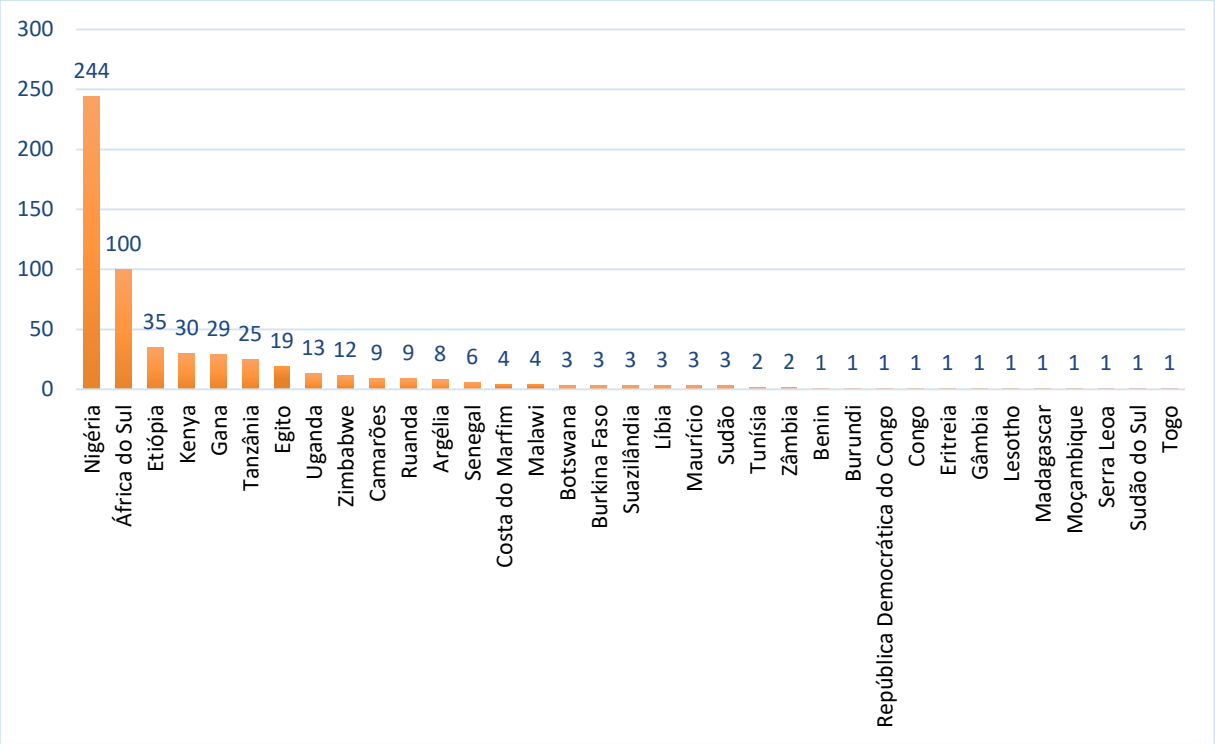
Mapa 1. Distribuição de publicações por países africanos.



Esse dado da distribuição da produção científica na área das ciências sociais pode ser comparado com o levantamento feito pela plataforma *African Journals OnLine (AJOL)* que abarca os periódicos científico de maneira geral em todo o continente, sendo "a maior coleção on-line do mundo de periódicos acadêmicos publicados por pares e revisados por pares" (AJOL, s/n, 2022). Esta funciona como um repositório de pesquisa de acadêmicos africanos, e tem o propósito de facilitar o acesso de pesquisadores africanos ao que está sendo produzido no continente. A AJOL surge em 1998, por inciativa da International Network for the Availability of Scientific Publications (INASP)[13], com os objetivos "de fornecer acesso a informação científica tanto publicada como em curso em África, expandir o conhecimento da comunidade científica africana e apoiar a publicação de revistas científicas africanas" (APARICIO *apud* EZEMA, 2010:4. Tradução nossa). O desenvolvimento desta plataforma durante as duas últimas décadas perpassou desde a exclusividade de artigos produzidos na área de ciência e tecnologia na África Subsaariana (EZEMA, 2010:5) até o abarcamento da produção cientifica de 32 países africanos, chegando a 583 periódicos hospedados.

[13] « INASP was established in 1992 as the **International Network for the Availability of Scientific Publications.** Founded by the International Council for Science (ICSU) in cooperation with UNESCO, TWAS and AAAS, the organization's original goal was to improve worldwide access to science information. (INASP, s/n, 2022) » (https://www.inasp.info/about/history, acessado em 03/06/2022).

Gráfico 4. Numero de periódicos indexados na plataforma da AJOL por país.



Fonte: African Journals Online, 2022.

A importância da AJOL é atravessada pelo pioneirismo dessa inciativa dentro do continente africano. As possibilidades e as ferramentas de pesquisa disponíveis no site são acessadas por mais de 200 mil pesquisadores ao redor do mundo, no entanto, por se tratar de um guarda-chuva de revistas dos mais variados temas e áreas, seus artigos podem ser de acesso livre e outros de acesso restrito, dependendo da política de cada revista.

Olhando para as 39 instituições[14] com mais publicações no somatório dos números do CODESRIA *Bulletin* e African Sociological Review, o CODESRIA *Bulletin* figura como a instituição com maior número de publicações (46), seguida pela Rhodes University (45) na África do Sul.

É notável a diversidade de instituições advindas da África do Sul, sendo 11 das 39, das quais University of the Western Cape (34), Cape Town University (21) e Johannesburg University (21) estão entre as 6 instituições com mais publicações. A Makerere University sediada em Kampala, capital de Uganda é a instituição mais relevante que se localiza fora dos 3 países que concentram o maior número de publicações.

[14] Considerando as instituições com até 5 publicações.

Quadro III – Instituições que mais publicam no somatório da African Sociological Review e no CODESRIA Bulletin

Instituição	País	Total
Codesria	Senegal	46
Rhodes University	África do Sul	45
Não Informado	X	44
University of the Western Cape	África do Sul	34
Cape Town University	África do Sul	21
Johannesburg University	África do Sul	21
Cheikh Anta Diop University	Senegal	19
Makerere University	Uganda	19
South Africa University	África do Sul	18
Ilorin University	Nigéria	17
Lagos State University	Nigéria	16
University of the Witwatersrand	África do Sul	14
American University	Egito	10
Botswana University	Botswana	10
Fort Hare University	África do Sul	9
Université Félix Houphouet – Boigny	Costa do Marfim	9
Ghana University	Gana	8
Uppsala University	Suécia	8
Kenyatta University	Kenya	7
KwaZulu-Natal University	África do Sul	7
Nelson Mandela Metropolitan University	África do Sul	7
Université de Lomé	Togo	7
Addis Ababa University	Etiópia	6
Binghamton University	EUA	6
Columbia University	EUA	6
Human Sciences Research Council	África do Sul	6
Ibadan University	Nigéria	6
NorthWestern University	EUA	6
Oxford University	EUA	6
Third World Forum	Senegal	6

Cornell University	EUA	5
Howard University	EUA	5
Namibia University	Namíbia	5
North-West University	África do Sul	5
Obafemi Awolowo University	Nigéria	5
Pontifical Gregorian University	Itália	5
Université de Dar es Salaam	Zimbabwe	5
Université du Burundi	Burundi	5
University of the Free State	África do Sul	5

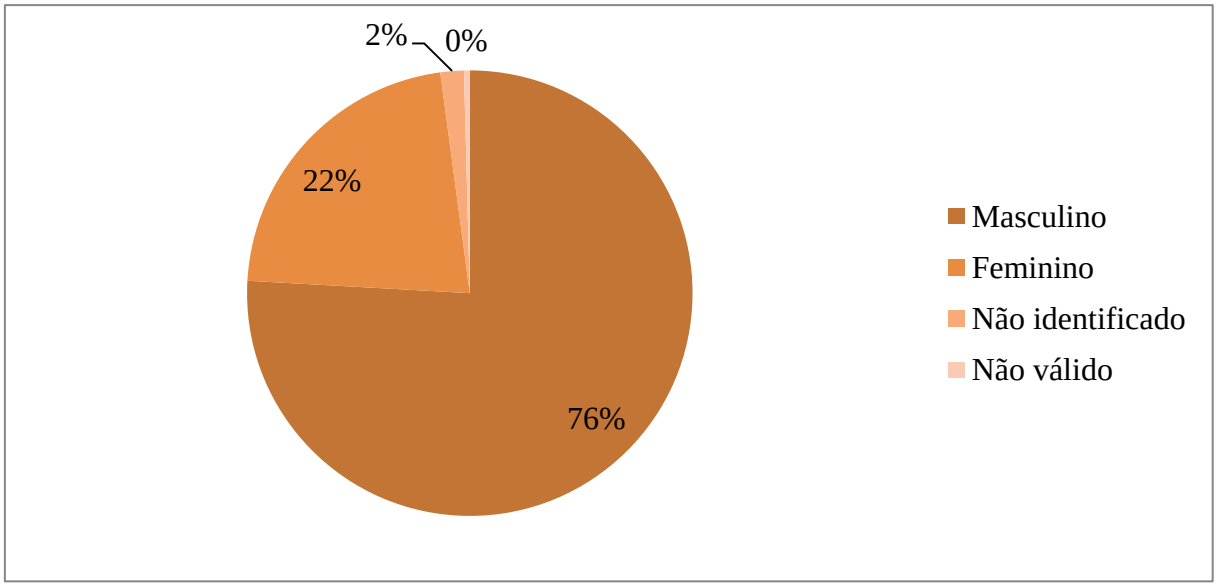
Figuram nesse ranking 17 países diferentes, sendo que apenas 8 instituições, de 3 diferentes países, estão fora do continente africano. Na Europa, a sueca Uppsala University (8) e a Pontifical Gregorian University (5), em Roma, Itália. As outras 6 universidades são estadunidenses: Binghanton University (6), Columbia University (6), NorthWestern University (6), Oxford University (6), Cornell University (5), Howard University (5).

1.2. Dados sobre Gênero

A busca por essa categoria foi feita nominalmente nas plataformas de busca. Procurando identificar o gênero da pessoa publicante nas revistas em questão. A identificação de gênero nas revistas científicas e referências bibliográficas vêm sendo discutidas na chave da invisibilização de quem produz a partir gênero ocultado.

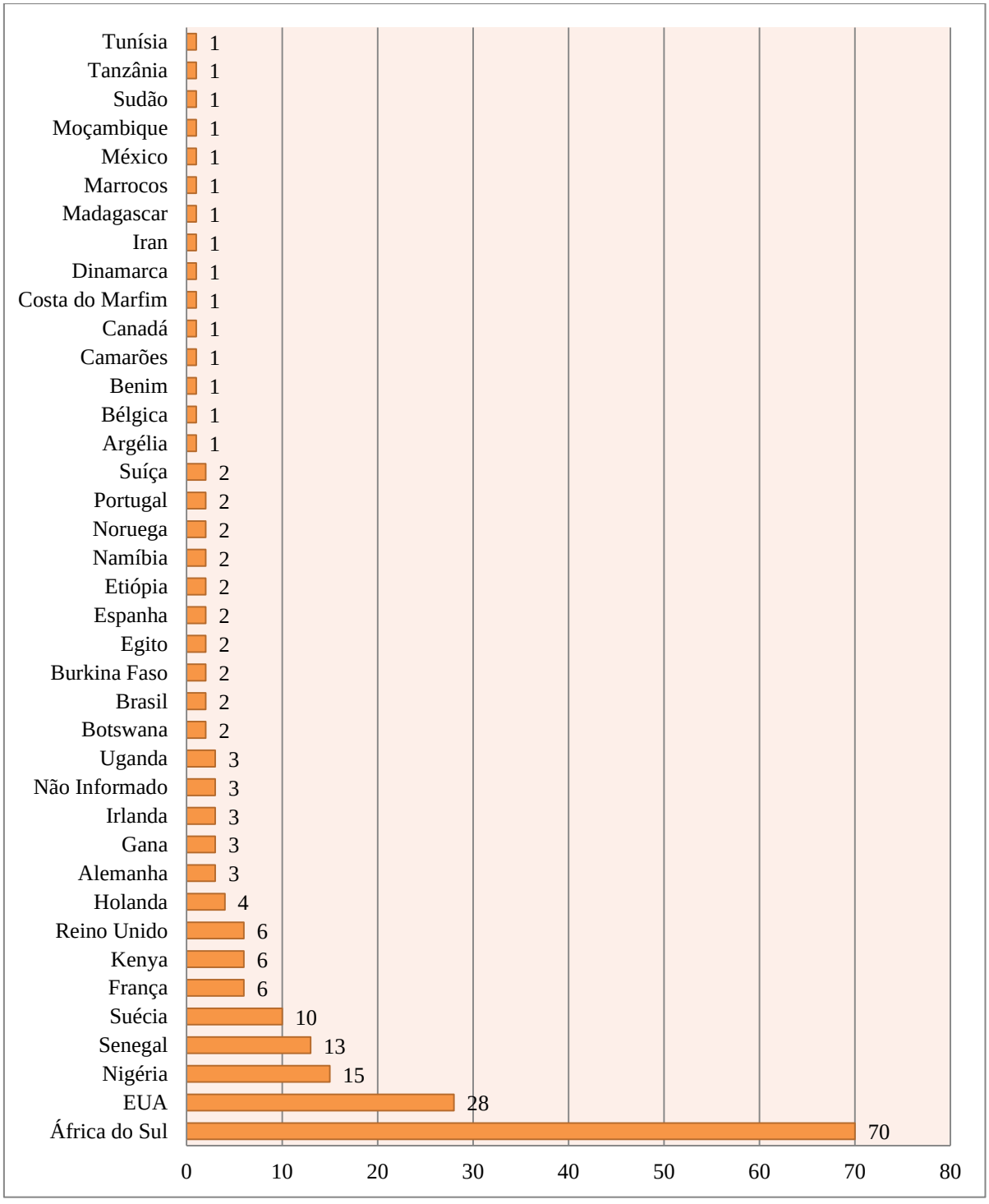
A contribuição feita por mulheres nestas revistas segue o padrão desigual já apontado por outros estudos sobre gênero e produção sociológica. Os dados levantados apontam por uma predominância de publicações de homens com 75,88%, enquanto que mulheres publicam 21,99% do total de artigos. Ainda contamos com 1,7% de autores com gênero não identificado e 0,42% na categoria ‘Não válido’, no caso de artigos assinados por instituições ou coletivos de autores.

Gráfico 4 – Porcentagem do gênero publicante nas revistas



As publicações feitas por mulheres vêm de 39 diferentes países, sendo 21 países africanos, 12 europeus, 3 norte americanos e 1 sul americano. Ou seja, 47% das publicações têm origem em países de fora do continente africano, o que é uma porcentagem um pouco mais alta do que os aproximados 40% do total geral. No montante dos artigos, esse número é superior, sendo 63% das publicações advindas do continente africano.

Gráfico 5 – Países de origem das mulheres que publicam nas revistas



Assim, como nos dados gerais, África do Sul figura como o país com maior número de publicações de mulheres (70), seguido de EUA (28), Nigéria (15) e Senegal (10). O país europeu com maior número de publicações é a Suécia (10). Os demais países figuram entre 6 e 1 publicações.

Alguns apontamentos

No total há publicações de 720 diferentes autores, um número alto perto das 942 publicações, indicando pouca concentração repetição e uma diversidade grande de autoria. Muitos desses autores possuem uma trajetória contundente e a reincidência de publicações nessas revistas de grande circulação no continente africano demonstram as dinâmicas de prestígio dentro do campo.

Dentre os 20 autores que mais publicam, 7 são de instituições da África do Sul e apenas 4 são de instituições estrangeiras à África.. Nos demonstrações anteriores sobre as instituições e países notamos que em alguns páises com números relevantes para nossa pesquisa, há uma concentração de publicações em poucas instituições, como nos casos de Uganda, Egito, Kenya e Tanzânia, com respectivamente, a Makerere University, a American University, a Kenyatta University e a University of Dar es Salaam. Estas instituições, conforme Cardoso (2011:127) foram também aproveitadas para servir um objectivo público no projecto de desenvolvimento evolutivo no período pós independência.” É notável aqui também que esta concentração se deve a proeminência de publicações autores renomados em um cenário africano de ciências sociais.

Nome do Autor	Número de Publicações	Instituição	País
Jìmí O. Adésínà	15	University of South Africa	África do Sul
Mahmood Mamdani	12	Makerere University	Uganda
Olajide Oloyede	10	University Of The Western Cape	África do Sul
Archie Mafeje	9	American University	Egito
Godwin R. Murunga	8	Kenyatta University	Kenya
Ebrima Sall	7	CODESRIA	Senegal
Issa G. Shivji	6	University of Dar es Salaam	Tanzânia
Francis B. Nyamnjoh	5	University of Cape Town	África do Sul
Kirk D Helliker	5	Rhodes University	África do Sul
Lansana Keita	5	Kwara State University	Nigéria
Samir Amin	5	Third World Forum	Senegal
Wilson Akpan	5	Fort Hare Institute	África do Sul
Yusuf Bangura	5	United Nations Research Institute for Social Development	Suíça
Abdon Sofonnou	4	CODESRIA	Senegal

Abdul Karim Bangura	4	Howard University	EUA
Ali A. Mazrui	4	Binghanton University	EUA
Fred Hendricks	4	Rhodes University	África do Sul
Helmi Sharawy	4	African-Arab Research Centre	Egito
Jacquineau Azétsop	4	Pontifical Gregorian University	Itália
Roseline M. Achieng'	4	University of South Africa	África do Sul

Como é o caso de Mahmood Mamdani, na Makerere University, de Archie Mafeje, na American University, de Godwin R. Murunga, na Kenyatta University, e de Issa G. Shivji, na University of Dar es Salaam. Mahmood Mamdani é o segundo autor com mais publicações nessas revistas, 12 no total. Mamdani é nascido na Índia, mas com nacionalidade Ugandense. Foi vinculado à Makerere University, em Kampala, Uganda, onde ocupou o cargo de diretor do Instituto de Pesquisa Social entre 2010 e 2022. A trajetória de Mamdani e o impacto de sua produção nas dinâmicas de produção científica dos estudos sobre a terra no sul global são relevantes para o campo da sociologia (ROSA, 2009).

Archie Mafeje (1936 – 2007) é um antropólogo Sul-Africano, atuante na American University no Egito, mas com passagens pela University of Dar es Salaam e pela University of Namíbia. Se vinculou ao CODESRIA no ano de 2001 como membro do comitê científico, onde ficou até o ano de 2005. O conceito de *Africanidade* foi amplamente discutido por um gama de pesquisadores, e seu legado foi tema de um número inteiro no CODESRIA Bulletin, após o seu falecimento (NABUDERE, 2011; BORGES et. al, 2015).

Falando desde o Kenya, Godwin R. Murunga, têm uma trajetória muito próxima ao CODESRIA nas últimas décadas onde atualmente é Secretário Executivo. Foi vinculado à Kenyatta University, em Nairobi, Kenya, e hoje é pesquisador sênior na University of Nairobi. Seus temas principais de pesquisa são processos democráticos, principalmente no Kenya, e Práticas de paz em África. O autor Tanzanês Issa Gulamhussein Shivji, é Professor Emérito pela University of Dar es Salaam, com temas de pesquisa principalmente sobre direito, desenvolvimento, e questões da terra.

Jìmí O. Adésínà é o autor com o maior número de publicações, com 15 no total. Adesina é formado pela Ibadan Universty, Nigéria, e pela Warwick University (no Reino Unido), atualmente é professor titular na Cátedra Sul-Africana em Política Social na Universidade da África do Sul, localizada em Pretória, mas suas publicações são

referenciadas desde diferentes universidades da África do Sul pelos anos analisados nas revistas, como a Rhodes University, na cidade de Makhanda, e a University of Western Cape, na Cidade do Cabo. Suas área de atuação principal é Política Social, e esteve presente no 18º 18º Congresso Brasileiro de Sociologia, que ocorreu em Brasília em 2017.

Ainda é notável a presença de Samir Amin (1931 – 2018) e Ali Mazrui (1933 – 2014), ambos intelectuais influentes durante suas carreiras, e receberam homenagens póstumas em números exclusivos do CODESRIA Bulletin pós falecimento.

A disparidade de gênero já evidenciada nos dados mostrados anteriormente, aqui também fica evidente. A socióloga Kenyana Roseline M. Achieng' é a única mulher dentre os 20 autores que mais publicam no somatório de CODESRIA Bulletin e African Sociological Review. Achieng' esteve vinculada ao corpo executivo do CODESRIA entre 2006 e 2009, e atualmente ocupa a cadeira de sociologia na Escola de Artes da Monash South Africa, um campus da Universidade Australiana de Monash. Seus estudos não proeminentes na área das relações de gênero, mas também publica trabalhos sobre desenvolvimento e metodologia nas ciências sociais.

A trajetória desses autores evidencia os fluxos intelectuais intra-africanos, onde há um trânsito entre países e instituições, acomodando, de algum modo, estes cientistas sociais que por suas motivações sem mantiveram no continente africano para a produção de seu ofício. Mkandawire (1995) ao discorrer sobre as gerações de acadêmicos africanos afirma que esta geração

> [...] é atraída pela maioria das redes de investigação regionais e pan-africanas que constituem os seus únicos contactos internacionais. Seu interesse nessas redes não é tanto quebrar seu isolamento, mas explorar quaisquer oportunidades que existam para o auto-aperfeiçoamento na esfera acadêmica. Não é de surpreender que seja desta geração que organizações de rede como o CODESRIA atraiam seus devotos mais fervorosos. De facto, as redes de investigação mais vibrantes em África são as que abraçaram esta geração de investigadores, procuraram responder às suas necessidades específicas, aproveitaram as suas potencialidades e quebraram o monopólio da primeira geração de investigadores sobre as instituições e redes de investigação. As atividades destinadas a permitir que essa geração amplie e aprofunde sua leitura e investigação têm um retorno muito alto e, dadas as posições estratégicas que essa geração está começando a ocupar nas universidades, pode-se esperar que tenham extensas externalidades positivas. (MKANDAWIRE, 1995:80)

Mas é evidente também o fluxo sul-norte-sul de especialização e pós graduação, presente nos caminhos desses em autores em quase sua totalidade. Esse movimento de busca de formação especializada em ciências sociais em universidades europeias e estadunidenses pode ser vista por diversas óticas já trabalhadas nos capítulo 2. A complexa extroversão aqui

que ocasiona em saída para o norte como intuito de adquirir titulação e formação intelectual e o retorno para exercimento da atividade laboral nas instituições africanas que, podem atuar em um paradoxo entre as redes de proteção pan-africanas (CHIZENGA e CABRAL, 2016; CARDOSO, 2011) e o regime de administração de irrelevância (NEVES, 2020).

4.1. Os países dominantes

A África do Sul, de fato, possui um domínio de publicações, com números 225% maiores que a Nigéria e diversos fatores podem explicar tal superioridade numérica. O desenvolvimento econômico emergente frente as outras economias africanas é evidente. E os impactos do investimento no ensino superior no país é objeto de diversas pesquisas (JANSEN, 2003; MUBANGIZI, 2005; WANGENGE-OUMA e CLOETE, 2008).

O apartheid foi uma política segregacionista que determinou a partir do racismo toda a organização social do país. Sua influência no ensino superior sul-africano com a criação das universidades brancas (BOOI et. al, 2017) corroborou inclusive com a reprodução de um status dominante advindo de uma camada social racialmente determinada. O pós-apartheid trouxe a inciativa de alterar as políticas racialistas dessas universidades e incluir pessoas negras em seus quadros técnicos, discentes e docentes. Tal mudança de mostrou complexa, pois

> o que é necessário não é apenas uma reestruturação institucional, mudança nas políticas de emprego, transformação demográfica e curricular, mas também uma mudança radical nas culturas e práticas institucionais que são atualmente informadas por pressupostos racializados, de gênero e de classe herdados do passado colonial e do apartheid (BOOI et. al, 2017:15).

Nesse sentido, o caso da Rhodes University é contundente, a instituição com o maior número de publicações nesse levantamento. Levando o nome do colonizador da terras do sul do continente africano, essa centenária universidade localizada em Pretoria, é uma das maiores produtoras em ciências sociais no continente africano. Segundo Maylan (2005), essa universidade não só têm essa herança colonial no nome, pois ela “não foi fundada simplesmente como uma instituição de ensino superior, [...] também fazia parte de um grande projeto – reforçar a conexão imperial britânica (p. 14).”

Os Estados Unidos tem uma produção muito relevante neste levantamento. Sendo o segundo país com o maior número de publicações. Diferente dos demais países com produção relevante, nesse segundo escalão (Nigéria e Senegal), a diversidade de instituições publicantes nos números das revistas é grande, e com baixa concentração, sendo 59 diferentes instituições

e as instituições que mais aparecem, vem com 5 publicações apenas. Neste caso, o fenômeno da extroversão pode vir a ser testado e explorado com diversos fatores: (1) saída desses intelectuais do continente africano, (2) a absorção por parte das instituições estadunidenses, (3) a difusão por uma ampla rede de universidades, e (4) o movimento de volta às instituições africanas buscando a divulgação de seus trabalhos.

Senegal aparece com basicamente duas instituições: o próprio CODESRIA e a Universidade Cheik Anta Diop. A Universidade de Dakar foi renomeada em honra a trajetória de Cheik Anta Diop leva o nome de um dos maiores intelectuais nascidos em África que foi um cientista multidisciplinar que atuou principalmente nas áreas da egiptologia e da história das civilizações africanas. Cardoso (2011) discorre sobre várias problemáticas, como o número reduzindo de vagas, ou a disparidade de financiamento entre ciências humanas e naturais.

> As condições da prática das ciências sociais em África são na maior parte dos casos muito precárias. Apesar de a sua prática exigir investimentos muito menos avultados do que as requeridas pelas ciências naturais, o seu adequado exercício não deixa de exigir determinadas condições, incluindo infra-estruturais. Ora, além das condições que caracterizam as universidades africanas e que foram referidas atrás, a prática das ciências sociais em África sofre de constrangimentos significativos que acabam por afectar o seu cabal desenvolvimento (CARDOSO, 2011:134).

Estas problemáticas são bem exploradas por diversos autores. E,de fato, determinam, a produção baixa de ao menos 70% dos país africanos. Como vimos a maioria figura nos periódicos com pouquíssimas publicações. Por um lado, demonstra a fragilidade do sistema de educação superior nestes países, por outro demonstra, que a despeito das condições ainda há uma centelha de produção advinda desses países.

O local que o CODESRIA ocupa nesse levantamento, com mais de 80 publicações, por um lado demonstra uma facilidade de publicação em suas por quem compõe seus quadros executivos e científicos, sejam por critérios de convite ou prestígio, seja pelo conhecimento das dinâmicas de submissão. Por outro lado, como vimos no capítulo 1, a criação de um ambiente fértil e seguro para pesquisa, somado ao objetivo terceiro do CODESRIA, “(c) Promover a publicação e distribuição dos resultados da investigação de académicos africanos”, têm seus resultados evidentes.

Considerações finais

O Conselho para o Desenvolvimento para as Ciências Sociais em África segue um projeto político e institucional de promoção da ciência seguindo ideais pan-africanistas de desenvolvimentistas. Seu papel de importância dentro das dinâmicas de produção intelectual no continente africano é reafirmada por diversos autores, onde podemos citar Mkandawire (1995), Teresa Cruz e Silva (2008), Cardoso (2011), Chizenga e Cabral (2016).

Nas reconstituições históricas acessadas para a realização deste trabalho é notável a agência da concepção do conselho sem a personificação dos intelectuais que estavam lá naquele início, corroborando com os aparatos discursivos presentes nos documentos oficiais. A manutenção de uma instituição desse porte, com esses objetivos, e localizada num local onde a intelectualidade foi negada como princípio de dominação, não acontece sem inúmeros desafios.

Os resultados obtidos com a pesquisa junto as revistas estabelecem uma panorama das ciências sociais no continente africano. O CODESRIA Bulletin é a principal ferramenta de divulgação da atividade do conselho, aliando os eixos de circulação e divulgação científica, e perpassando pelas instituições associadas pelo continente africano. A African Sociological Review é única revista do conselho que leva a Sociologia ao seu nome, e tem o intuito de incorporar toda a produção sociológica do continente em seu escopo.

O domínio da produção sociológica vinda África do Sul é evidenciada pelos dados levantandos. O fluxo de conhecimento em África perpassa pelas instituições Sul-Africanas, seja pela massiva produção intelectual feita, seja pelo fluxo de acadêmicos adentrando aos quadros de suas universidades. Podemos considerar o fato de que essa relevância toda ocorre mesmo com o histórico do apartheid e das universidades brancas orientadas para o colonialismo. Esse movimento de crescimento de publicações de pessoas de origem africana nesses periódicos analisado nos últimos 20 anos é um dos resultados das políticas de reformulação do ensino superior no país, o que é desafiador e potente na mesma medida. Mas o colonialismo interno em referência ao continente também deve ser considerado.

Paulin Hountondji, com a extroversão atravessa qualquer análise desses resultados. A orientação intelectual para o norte deve ser testada e reformulada, assim como dizem Collyer et.al (2018). De fato, neste trabalho não foram analisados os títulos, temas e resumos dos

artigos, nem mesmo os referenciais bibliográficos, que podem ser potentes instrumentos para a afirmação dos pontos de Hountondji, ou na construção de uma reformulação de sua teoria.

Mas há ainda várias lacunas deixadas para uma continuidade investigativa. Este trabalho não se pretendeu a fazer um fechamento ou conclusões sobre este mapeamento. E diversas perguntas ficam para uma futura exploração. No que diz respeito ao CODESRIA, valeria uma investigação sobre a concepção de desenvolvimento empregada em suas atividades. Documentos oficiais como os planos estratégicos podem ser explorados. Ainda sobre o CODESRIA podemos pensar sobre os impactos das politicas de equidade colocadas em prática a partir de 2005 e qual seu impacto nas últimas décadas. A disparidade de gênero é gigante no levantamento feito, poucas mulheres publicam nesses periódicos do CODESRIA. Sendo que tal disparidade não é refletida nos quadros executivos e técnicos do conselho[15]. Seriam os estudos de gênero publicados em outras revistas?

De fato, o intuito de trabalho de conclusão de curso foi realizar um mapeamento da produção sociológica no continente africano, a partir de duas revistas, sediadas pelo CODESRIA, com a finalidade de demonstrar espacialmente a difusão e os fluxos intelectuais em África. A motivação pessoal era sobre conhecer de onde essas pessoas falam e levantar o que falam para uma futura investigação mais específica. A circunscrição dos referenciais bibliográficos seguem uma escolha teórico-metodológica, mas sobretudo, política, de construir conhecimento através de modelos científicos que considerem um mundo de possibilidades de existência e narrativas sobre o social.

[15] https://codesria.org/about-us-codesria#organs

Referências Bibliográficas

ADESINA, Jímì O. “Sociology and Yorùbá Studies: epistemic intervention or doing sociology in the ‘vernacular’?”. *African Sociological Review*, 6,(1), 2002.

_____, Jímì O. "Archie Mafeje and the Pursuit of Endogeny: Against Alterity and Extroversion". *CODESRIA Bulletin*, Nos 3 & 4, Dakar, 2008.

ALATAS, S. F. “A definição e os tipos de discursos alternativos”. Est. Hist., Rio de Janeiro, vol. 23, no 46 p. 225-245, julho-dezembro de 2010.

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai*: a África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BEIGEL, Fernanda. “Centros y periferias en la circulación internacional del conocimiento”. *Revista Nueva Sociedad*, nº 245, 2013.

BARBOSA, Muryatan S. “Pan-africanismo e teoria social: uma herança crítica”. *África*, São Paulo. v. 31-32, p. 135-155, 2011/2012.

BEIGEL, Fernanda. Centros y periferias en la circulación internacional del conocimiento. Revista Nueva Sociedad, nº 245, 2013.

BORGES, Antonadia, et. al. “Pós-Antropologia: as críticas de Archie Mafeje ao conceito de alteridade e sua proposta de uma ontologia combativa”. Dossiê: Ciências e construção de conhecimento a partir da África, *Soc. Estado*, 30 (02), 2015.

BOOI, Maxisole, VINCENT, Louise, LICCARDO, Sabrina. “‘If it ain’t broke, don’t fix it’: Challenges facing institutional transformation of historically white South African universities”. *African Sociological Review* VOL 21 1 2017

CARDOSO, Carlos. “Da possibilidade das ciências sociais em África”. *In*: *Como fazer ciências sociais e humanas em África*: questões epistemológicas, metodológicas e políticas. Dakar: CODESRIA, 2012.

CHIZENGA, Anselmo P. e CABRAL, Frederico M. A. (Des)caminhos da produção do conhecimento em África: o Codesria na disseminação do conhecimento no conhecimento no contexto da globalização. *In*: *O Pensamento Africano no Século XX*. Macedo, J. R. (Orgs.).

São Paulo: Outras Expressões, 2016.

CIRNE, Michelle. *A produção de ciências sociais no continente africano e a agência do CODESRIA*. Orientador Carlos Moreira Henrique Serrano – São Paulo, 2016. Tese.

CODESRIA. *CODESRIA Charter*. Dakar, 2015.

COLLYER, Fran et. al. *Knowledge and global power:* making new sciences in the South. Monash University Publishing: 2019.

CONNELL, Raewyn. "A iminente revolução na teoria social". Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 27, n. 80, Oct. 2012.

_____. "O Império e a criação de uma Ciência Social". Dossiê Saberes Subalternos. Contemporânea. v. 2, n. 2 p. 309-336 Jul.–Dez. 2012.

CRUZ E SILVA, Teresa. "O Público e o Privado e o Papel Social das Universidades em África". *12a Assembleia Geral CODESRIA.*2008.

DE LA CADENA, Marisol. *Earth beings:* Ecologies of practice across Andean worlds. Duke: Duke University Press. 2015.

EZEMA, Ifeanyi J. "Trends in electronic journal publishing in Africa: an analysis of African Journal Online (AJOL)". *Webology*, Volume 7, Number 1, June, 2010.

GO, Julian. "For a postcolonial sociology". *Theory and Society*, v. 42, n. 1, p. 25-55, 2013.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. Colonialismo interno (uma redefinição). In: *A teoria marxista hoje*. Problemas e perspectivas Boron, Atilio A.; Amadeo, Javier; Gonzalez, Sabrina. 2007.

HAMLIN, Cynthia; VANDENBERGHE, Frédéric. *Vozes do Sul*: entrevista com Raewyn Connell. Cad. Pagu, Campinas, n. 40, 2013.

HAYASHI, Maria Cristina P. I. "Sociologia da Ciência, Bibliometria e Cientometria: contribuições para a análise da produção científica". *Anais Eletrônicos do Seminário de Epistemologia e Teorias da Educação*. Faculdade de Educação, Unicamp: Dez, 2012.

HERNANDEZ, Leila Leite**.** *A África na sala de aula*: visita à história contemporânea. 4. ed. São Paulo: Selo negro, 2008.

HOUNTONDJI, Paulin J. (ed.) *Endogenous knowledge: research trails*. Dakar, CODESRIA, 2007.

_____ . "Conhecimento de África, conhecimento de Africanos: duas perspectivas sobre os Estudos Africanos". *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, Março 2008: 149-160.

_____. "Producing Knowledge in Africa Today the Second Bashorun M. K. O. Abiola Distinguished Lecture". *African Studies Review* Vol. 38, No. 3 (Dec., 1995), pp. 1-10.

JANSEN, JD. "Editorial: On the state of South African Universities". *South African Journal of Higher Education.* Vol. 17 No. 3 (2003)

KAMABAYA, Moisés. *O renascimento da personalidade africana*. 1. ed. Luanda: Editorial Nzila, 2003.

MACAMO, Elisio. "A constituição duma sociologia das sociedades africanas." Estudos Moçambicanos. V.19. 2002. Pp. 5-26.

MAMDANI, M. (2007) Scholars in the Marketplace: the dilemmas of neo-liberal reform at Makerere University, 1989-2005. Dakar: CODESRIA.

MAFEJE, Archie. "Africanity: A Combative Ontology". *In*: *CODESRIA Bulletin,* Nos 3 & 4, Dakar, 2008.

MAGUBANE, Zine. "American Sociology's Racial Ontology: Remembering Slavery, Deconstructing Modernity, and Charting the Future of Global Historical Sociology". *Cultural Sociologie*, 1-16, 2016.

MAYLAM, Paul. "Rhodes University: Colonialism, Segregation and Apartheid, 1904-1970". *African Sociological Review*, 9, (1), 2005, pp.14-22.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MKANDAWIRE, Thandika. "Three Generations of African Academics: a note". *Transformation*, v. 28, 1995.

MUNANGA, Kabengele. *Origens africanas do Brasil contemporâneo*: Histórias, línguas, culturas e civilizações. São Paulo: Global, 2009.

MUBANGIZI, JC. “Government funding of universities in the new South Africa : some reflections on legal issues and implications”. *South African Journal of Higher Education*. Vol. 19 No. 6 (2005)

NABUDERE, Dani W. *Archie Mafeje: Scholar, Actvist and Thinker.* Africa Institute of South Africa: Pretoria, 2011.

NEVES, Fabrício Monteiro. “A periferização da ciência e os elementos do regime de administração da irrelevância”. *RBCS* VOL. 35 N° 104 /2020.

NGOENHA, Severino. *Filosofia Africana:* das independências as liberdades. 2ª ed. Maputo: Paulinas, 2014.

OLOYEDE, Olajide. “The First Ten Years: A Review of African Sociological Review, 1997-2006”. *African Sociological Review*, 10, (1), 2006, pp. 193-207.

OLUKOSHI, Adebayo. “CODESRIA: 30 years of social research, knwledge production and pan-african networking”. In: *CODESRIA Bulletin*, Special Issue 2, 3 & 4, 2003.

OYĚWÙMÍ, OyErónké. Family bonds/Conceptual Binds: African notes on Feminist Epistemologies. Signs, Vol. 25, No. 4, Feminisms at a Millennium (Summer, 2000), pp. 1093- 1098. Tradução para uso didático por Aline Matos da Rocha.

_____. “Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas.” CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004.

_____(ed.) *African Gender Sutdies*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

_____(ed.) *Gender Epistemologies in Africa:* The gendering of african traditionsm spaces, social identities, and institutions. New York: Palgrave Macmillan, 2011.

_____. *La Invención de la Mujeres*: Una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género. Bogotá: en la frontera, 2017.

ROSA, Marcelo C. Sociologias indígenas ioruba: a África, o desconcerto e ontologias na sociologia contemporânea. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol 32, nº 67, p. 389-408, maio-agosto 2019.

_____. “Sociologias do Sul e ontoformatividade: questões de objeto e método”. *In*: *Rumos dos Sul*: Periferia e pensamento social. Chaguri e Medeiros Orgs. 1. ed. - São Paulo: Alameda, 2018.

_____. “Sociologies of the South and the actor-network-theory: Possible convergences for an ontoformative sociology”. *European Journal of Social Theory*, 2015.

_____. “ESPECTROS DE MAMDANI: desafios de uma sociologia da vida política rural na África do Sul contemporânea”. *Estudos de Sociologia, Rev. do Progr. de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE*, v. 15. n. 2, p. 69 – 91, 2009.

SHERER, Mathias Inácio. Kwame Nkrumah, o neocolonialismo e o pan-africanismo. *In*: *O Pensamento Africano no Século XX*. Macedo, J. R. (Orgs.). São Paulo: Outras Expressões, 2016.

SILVÉRIO, Valter Roberto. *Síntese da coleção História Geral da África*: Pré-História ao século XVI. Brasília, UNESCO, MEC, UFSCar, 2013.

TAIWO, Olufemi. 1993. "Colonialism and Its Aftermath: The Crisis of Knowledge Production," *Callaloo*16/3:891-908.

THIONGO'O, Ngugi Wa. *Sonhos em tempo de guerra*: Memórias de infância. 1. ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015.

WANGENGE-OUMA, G., CLOETE, N. “Financing higher education in South Africa: Public funding, nongovernment revenue and tuition fees”. *South African Journal of Higher Education.* Vol. 22 No. 4 (2008).